



APONTAMENTOS DE

FILOSOFIA E ÉTICA:

TEORIZAÇÕES E PRATICIDADES

CLAUDIO CÉSAR DE ANDRADE

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO



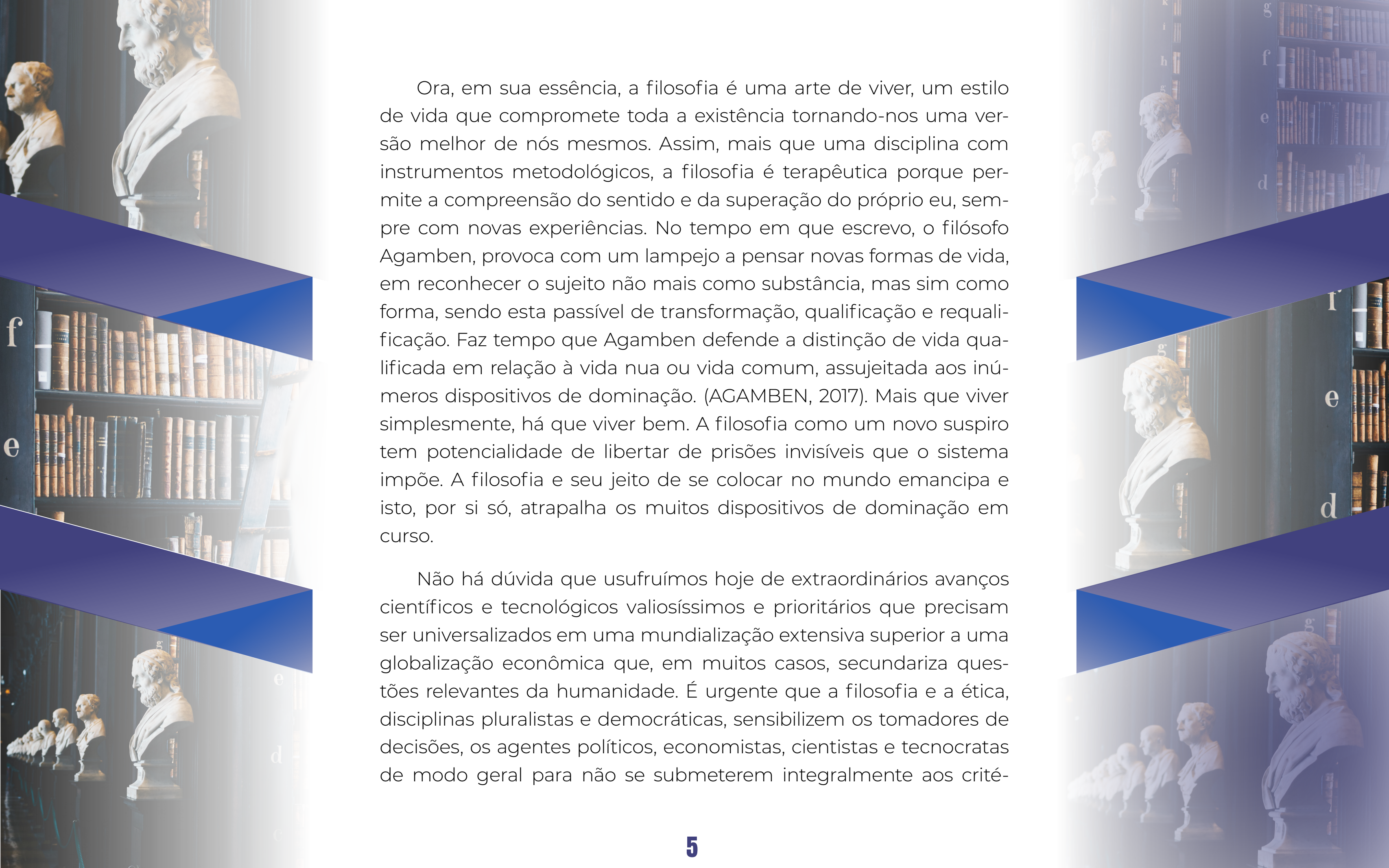
1. Introdução

A importância da filosofia e ética para o tempo presente

O aprendizado como prazer é muito superior ao aprendizado como dever. É por esta razão que a presente disciplina Filosofia e ética proporciona a você condições intelectuais para um olhar complexo sobre as necessidades do cotidiano e sobre um fazer que atenda aos interesses de uma sociedade mais justa. Faz tempo que a filosofia e suas reflexões éticas tentam qualificar a máxima de que melhorar a si mesmo tem potencialidade para melhorar a sociedade através da cultura, da ciência e da política, em declínio, neste tempo de obscuridade instrumental e mediocridade.

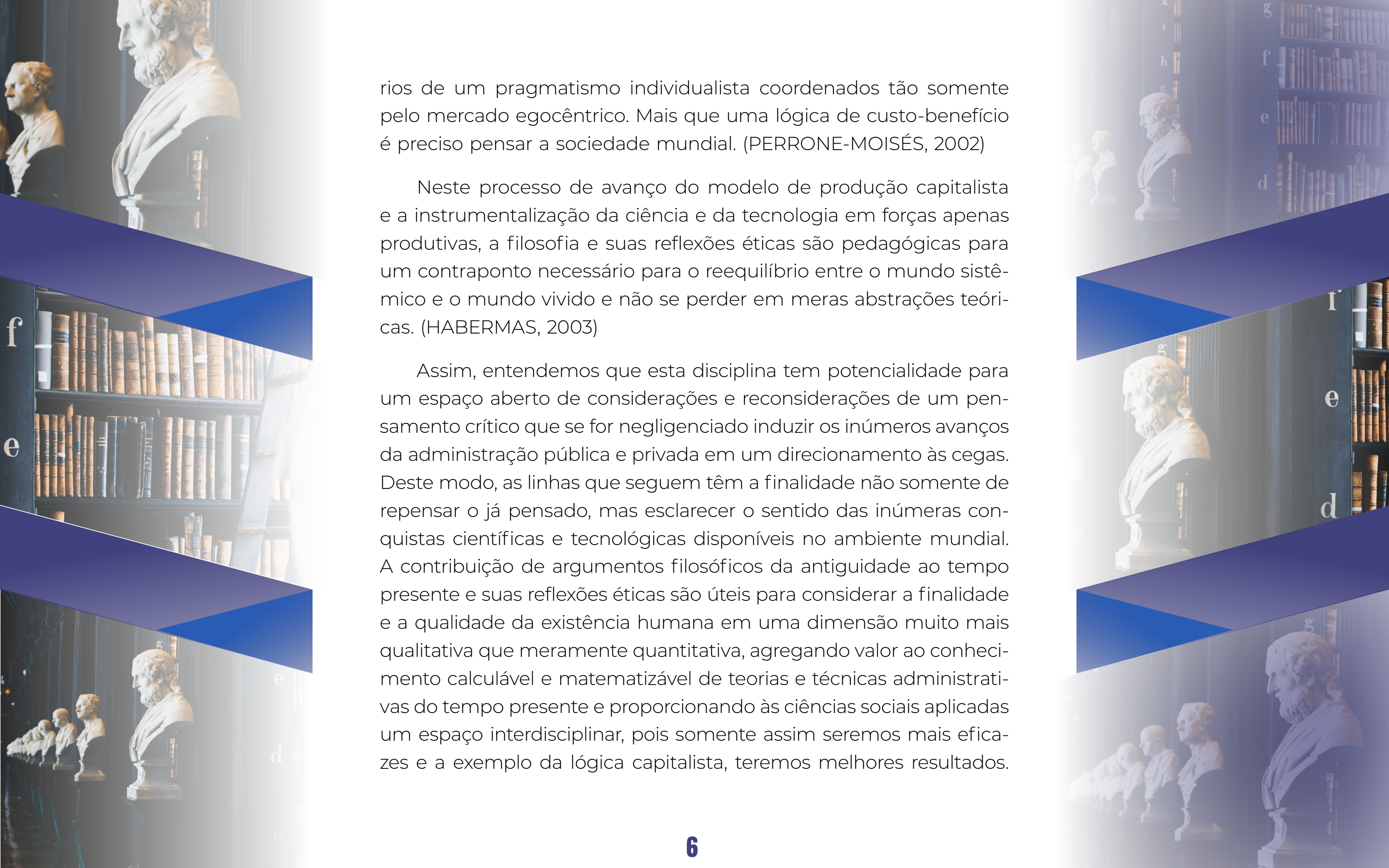
A filosofia, incapturável, é sempre um choque diante do triste empobrecimento da sensibilidade humana neste momento de esclerose múltipla que se estende na sociedade mundial em ações, quase sempre, irracionais.

A desintegração está em processo e as pessoas [insensíveis] não percebem os danos irreversíveis em curso. Sem a experiência de sentir e estranhar, próprios da filosofia, vive-se o automático e o novo, abrindo espaço para uma legião de desmemoriados que banalizam o mal com justificativas injustificáveis. A filosofia sempre construiu a tensão do como não, ou seja, nunca fazer do mundo um objeto de propriedade, mas sim de uso e, preferencialmente, de um novo uso que vem ao encontro da essência dos seres humanos. (AGAMBEN, 2017).

The background of the page is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several white marble busts of philosophers, likely from the classical or medieval period, arranged on a dark surface. The overall color palette is muted, with blues, greys, and the warm tones of the books and marble. The text is overlaid on a semi-transparent white area in the center.

Ora, em sua essência, a filosofia é uma arte de viver, um estilo de vida que compromete toda a existência tornando-nos uma versão melhor de nós mesmos. Assim, mais que uma disciplina com instrumentos metodológicos, a filosofia é terapêutica porque permite a compreensão do sentido e da superação do próprio eu, sempre com novas experiências. No tempo em que escrevo, o filósofo Agamben, provoca com um lampejo a pensar novas formas de vida, em reconhecer o sujeito não mais como substância, mas sim como forma, sendo esta passível de transformação, qualificação e requalificação. Faz tempo que Agamben defende a distinção de vida qualificada em relação à vida nua ou vida comum, assujeitada aos inúmeros dispositivos de dominação. (AGAMBEN, 2017). Mais que viver simplesmente, há que viver bem. A filosofia como um novo suspiro tem potencialidade de libertar de prisões invisíveis que o sistema impõe. A filosofia e seu jeito de se colocar no mundo emancipa e isto, por si só, atrapalha os muitos dispositivos de dominação em curso.

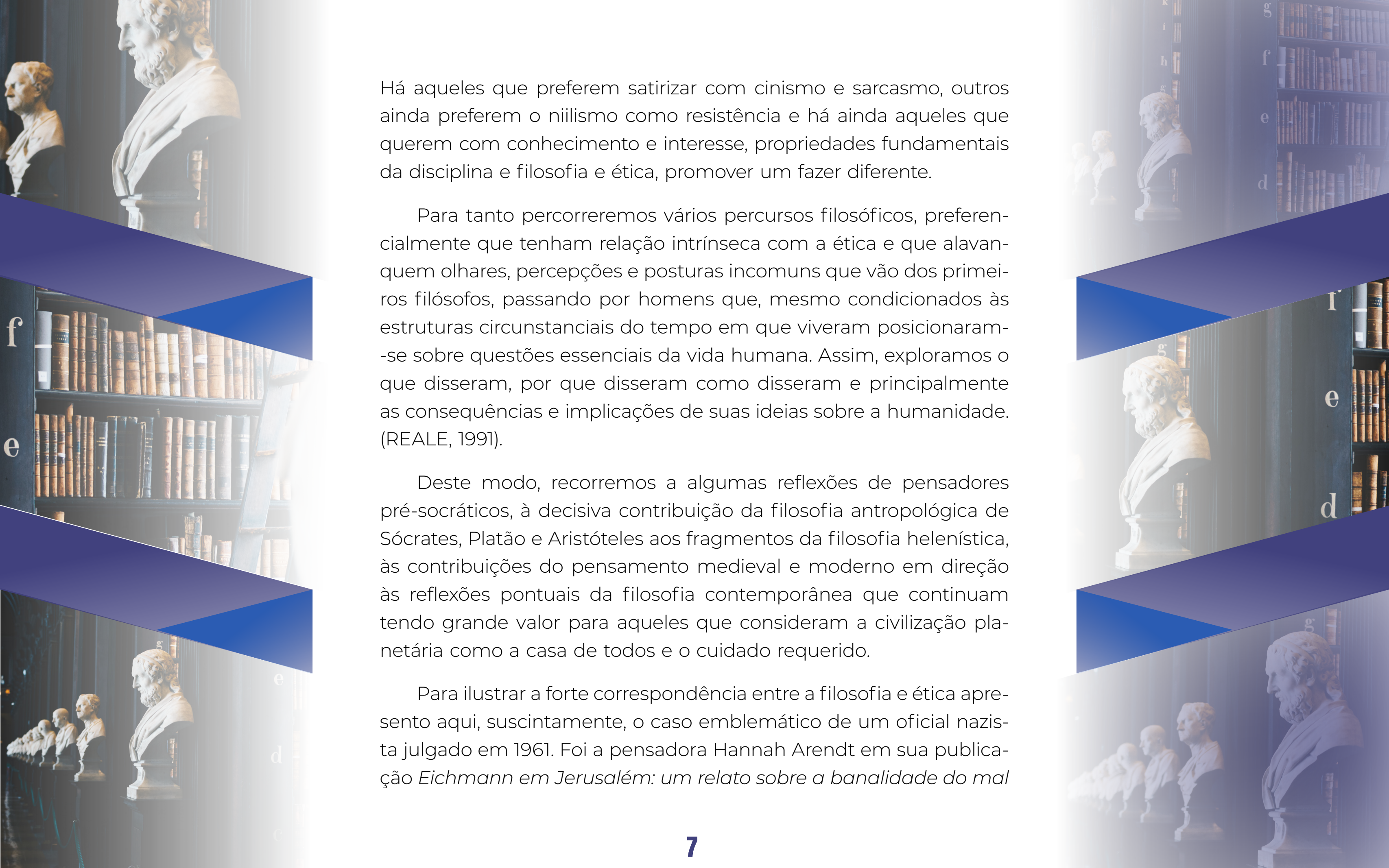
Não há dúvida que usufruímos hoje de extraordinários avanços científicos e tecnológicos valiosíssimos e prioritários que precisam ser universalizados em uma mundialização extensiva superior a uma globalização econômica que, em muitos casos, secundariza questões relevantes da humanidade. É urgente que a filosofia e a ética, disciplinas pluralistas e democráticas, sensibilizem os tomadores de decisões, os agentes políticos, economistas, cientistas e tecnocratas de modo geral para não se submeterem integralmente aos crité-



rios de um pragmatismo individualista coordenados tão somente pelo mercado egocêntrico. Mais que uma lógica de custo-benefício é preciso pensar a sociedade mundial. (PERRONE-MOISÉS, 2002)

Neste processo de avanço do modelo de produção capitalista e a instrumentalização da ciência e da tecnologia em forças apenas produtivas, a filosofia e suas reflexões éticas são pedagógicas para um contraponto necessário para o reequilíbrio entre o mundo sistêmico e o mundo vivido e não se perder em meras abstrações teóricas. (HABERMAS, 2003)

Assim, entendemos que esta disciplina tem potencialidade para um espaço aberto de considerações e reconsiderações de um pensamento crítico que se for negligenciado induzir os inúmeros avanços da administração pública e privada em um direcionamento às cegas. Deste modo, as linhas que seguem têm a finalidade não somente de repensar o já pensado, mas esclarecer o sentido das inúmeras conquistas científicas e tecnológicas disponíveis no ambiente mundial. A contribuição de argumentos filosóficos da antiguidade ao tempo presente e suas reflexões éticas são úteis para considerar a finalidade e a qualidade da existência humana em uma dimensão muito mais qualitativa que meramente quantitativa, agregando valor ao conhecimento calculável e matematizável de teorias e técnicas administrativas do tempo presente e proporcionando às ciências sociais aplicadas um espaço interdisciplinar, pois somente assim seremos mais eficazes e a exemplo da lógica capitalista, teremos melhores resultados.

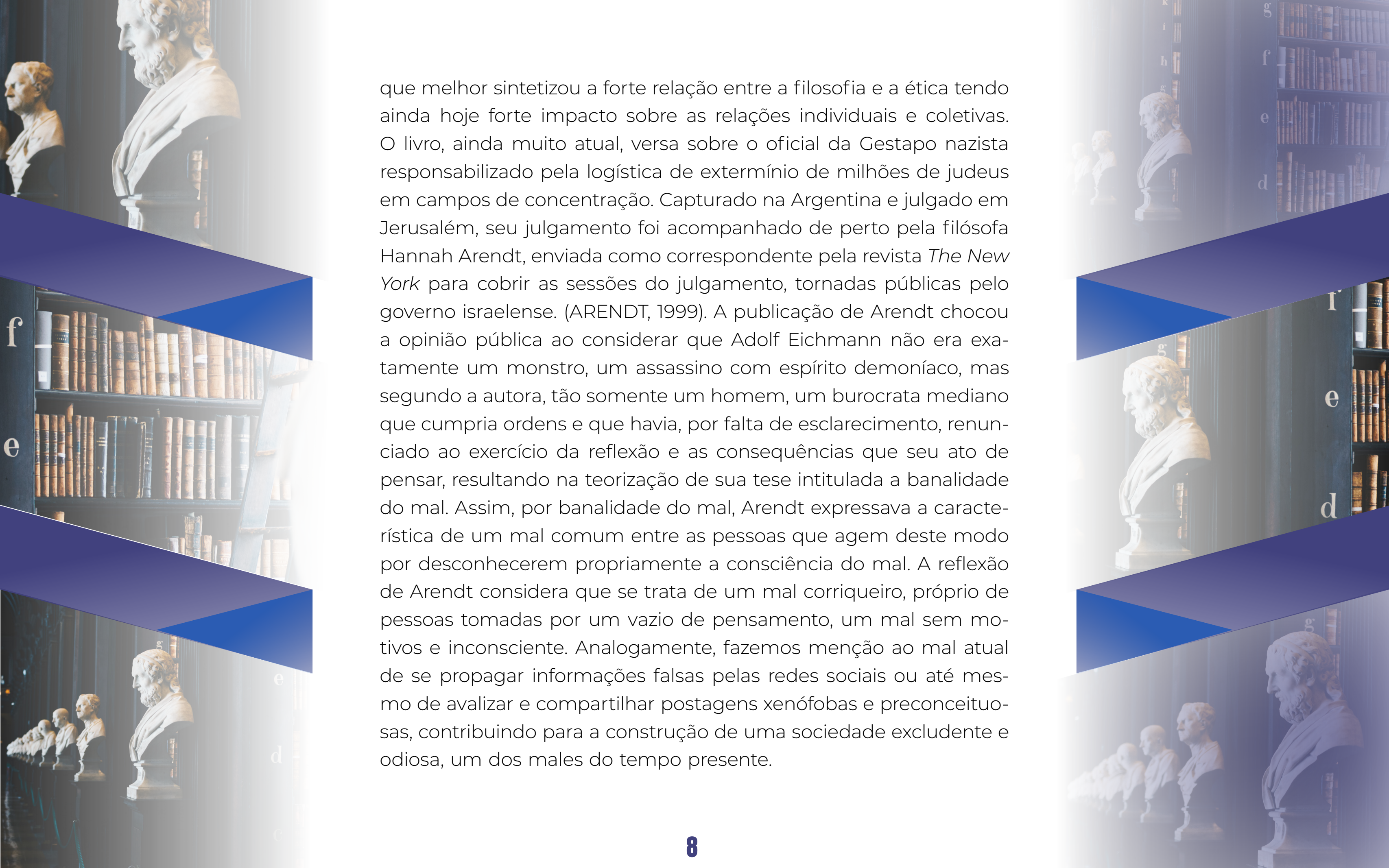
The background of the slide features a library setting with tall bookshelves filled with books. In the foreground, several classical marble busts of philosophers are displayed on pedestals. The scene is dimly lit, with a blue and purple color scheme. Diagonal blue and purple bands cross the image, creating a modern, academic aesthetic.

Há aqueles que preferem satirizar com cinismo e sarcasmo, outros ainda preferem o niilismo como resistência e há ainda aqueles que querem com conhecimento e interesse, propriedades fundamentais da disciplina e filosofia e ética, promover um fazer diferente.

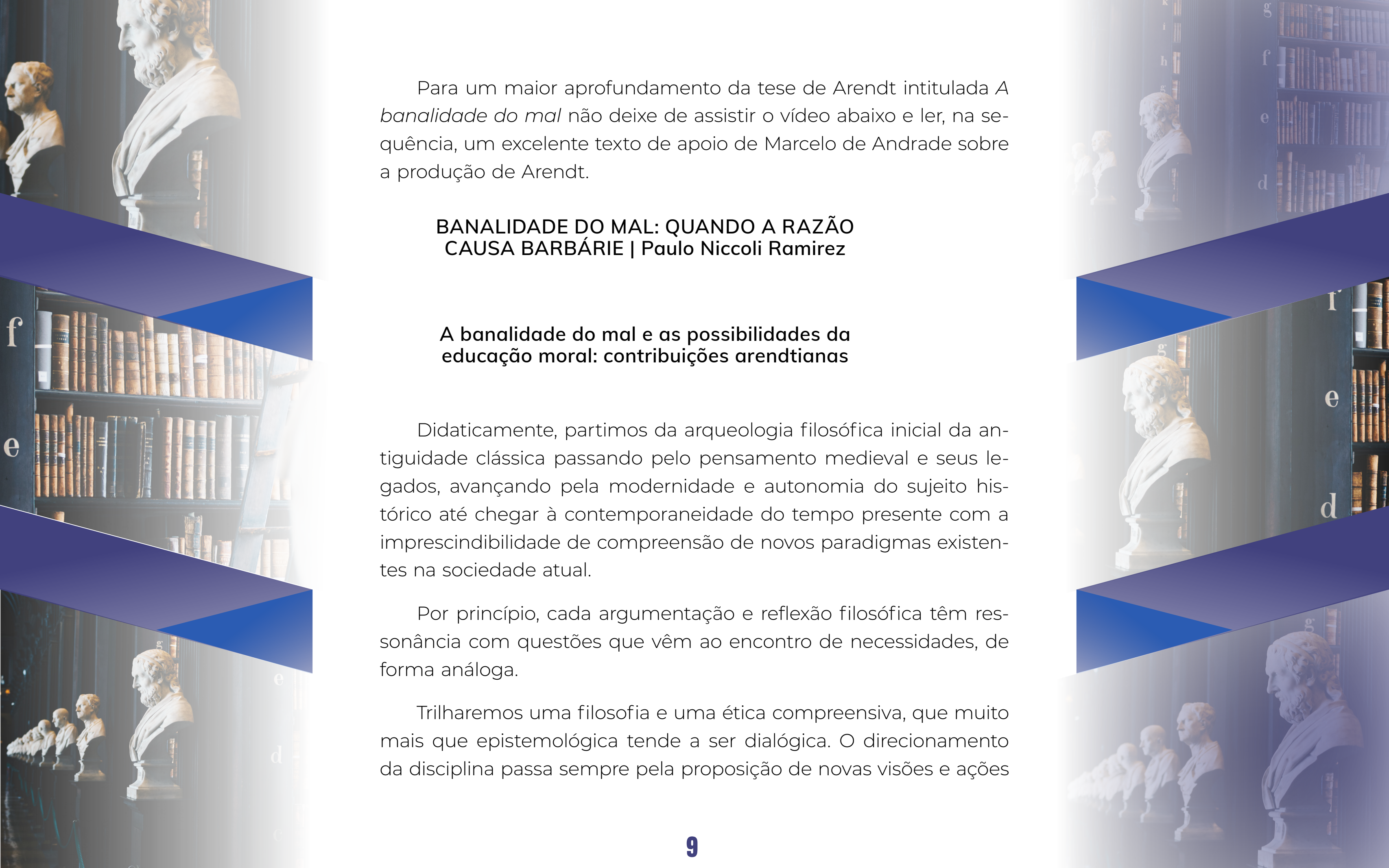
Para tanto percorreremos vários percursos filosóficos, preferencialmente que tenham relação intrínseca com a ética e que alavanquem olhares, percepções e posturas incomuns que vão dos primeiros filósofos, passando por homens que, mesmo condicionados às estruturas circunstanciais do tempo em que viveram posicionaram-se sobre questões essenciais da vida humana. Assim, exploramos o que disseram, por que disseram como disseram e principalmente as consequências e implicações de suas ideias sobre a humanidade. (REALE, 1991).

Deste modo, recorreremos a algumas reflexões de pensadores pré-socráticos, à decisiva contribuição da filosofia antropológica de Sócrates, Platão e Aristóteles aos fragmentos da filosofia helenística, às contribuições do pensamento medieval e moderno em direção às reflexões pontuais da filosofia contemporânea que continuam tendo grande valor para aqueles que consideram a civilização planetária como a casa de todos e o cuidado requerido.

Para ilustrar a forte correspondência entre a filosofia e ética apresentado aqui, suscintamente, o caso emblemático de um oficial nazista julgado em 1961. Foi a pensadora Hannah Arendt em sua publicação *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*

The background of the slide features a library setting with rows of bookshelves filled with books. In the foreground, several white marble busts of classical philosophers are displayed on a dark surface. The lighting is soft, creating a scholarly atmosphere. The text is overlaid on a semi-transparent white area in the center of the image.

que melhor sintetizou a forte relação entre a filosofia e a ética tendo ainda hoje forte impacto sobre as relações individuais e coletivas. O livro, ainda muito atual, versa sobre o oficial da Gestapo nazista responsabilizado pela logística de extermínio de milhões de judeus em campos de concentração. Capturado na Argentina e julgado em Jerusalém, seu julgamento foi acompanhado de perto pela filósofa Hannah Arendt, enviada como correspondente pela revista *The New York* para cobrir as sessões do julgamento, tornadas públicas pelo governo israelense. (ARENDR, 1999). A publicação de Arendt chocou a opinião pública ao considerar que Adolf Eichmann não era exatamente um monstro, um assassino com espírito demoníaco, mas segundo a autora, tão somente um homem, um burocrata mediano que cumpria ordens e que havia, por falta de esclarecimento, renunciado ao exercício da reflexão e as consequências que seu ato de pensar, resultando na teorização de sua tese intitulada a banalidade do mal. Assim, por banalidade do mal, Arendt expressava a característica de um mal comum entre as pessoas que agem deste modo por desconhecerem propriamente a consciência do mal. A reflexão de Arendt considera que se trata de um mal corriqueiro, próprio de pessoas tomadas por um vazio de pensamento, um mal sem motivos e inconsciente. Analogamente, fazemos menção ao mal atual de se propagar informações falsas pelas redes sociais ou até mesmo de avalizar e compartilhar postagens xenófobas e preconceituosas, contribuindo para a construção de uma sociedade excludente e odiosa, um dos males do tempo presente.



Para um maior aprofundamento da tese de Arendt intitulada *A banalidade do mal* não deixe de assistir o vídeo abaixo e ler, na sequência, um excelente texto de apoio de Marcelo de Andrade sobre a produção de Arendt.


BANALIDADE DO MAL: QUANDO A RAZÃO CAUSA BARBÁRIE | Paulo Niccoli Ramirez

A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas

Didaticamente, partimos da arqueologia filosófica inicial da antiguidade clássica passando pelo pensamento medieval e seus legados, avançando pela modernidade e autonomia do sujeito histórico até chegar à contemporaneidade do tempo presente com a imprescindibilidade de compreensão de novos paradigmas existentes na sociedade atual.

Por princípio, cada argumentação e reflexão filosófica têm ressonância com questões que vêm ao encontro de necessidades, de forma análoga.

Trilharemos uma filosofia e uma ética compreensiva, que muito mais que epistemológica tende a ser dialógica. O direcionamento da disciplina passa sempre pela proposição de novas visões e ações



capazes de mostrar que a filosofia e suas reflexões éticas são fundamentais para a troca de ideias, a compreensão de escolhas individuais e coletivas para o uso da ciência e da tecnologia que incluem a conversação e não tão somente a regra linguística ou a lógica.

Para tanto, propomos sempre correspondência com as preocupações do tempo presente em uma linguagem atualizada com *links* e sugestões de leituras complementares que resultam em espaços abertos de reflexões filosóficas e éticas e atingem o objetivo da disciplina que não é outro senão contribuir decisivamente para uma boa prática de Administração Pública.

Para um maior aprofundamento destas páginas iniciais sobre a importância da filosofia e ética, recomendo que assistam este vídeo do prestigiado Professor Dr. Renato Janine Ribeiro, intitulado *Ética em tempo de mudança* e façam uma breve leitura da contribuição da Professora Leyla Perrone-Moisés, intitulado *Para que servem as humanidades?*

Ética em Tempo de Mudança - Renato Janine Ribeiro

Para que servem as Humanidades?


2. A importância do começo - A arqueologia filosófica

Uma das verdades categóricas sobre a origem do filosofar diz respeito ao impulso dos gregos na valorização do logos (pensamento) em uma direção diferente daquela exercida pelos orientais da época. Tendo como foco inicial a perplexidade diante de fenômenos naturais e a busca por uma explicação razoável, os gregos deram um sentido próprio à investigação e ao esclarecimento.

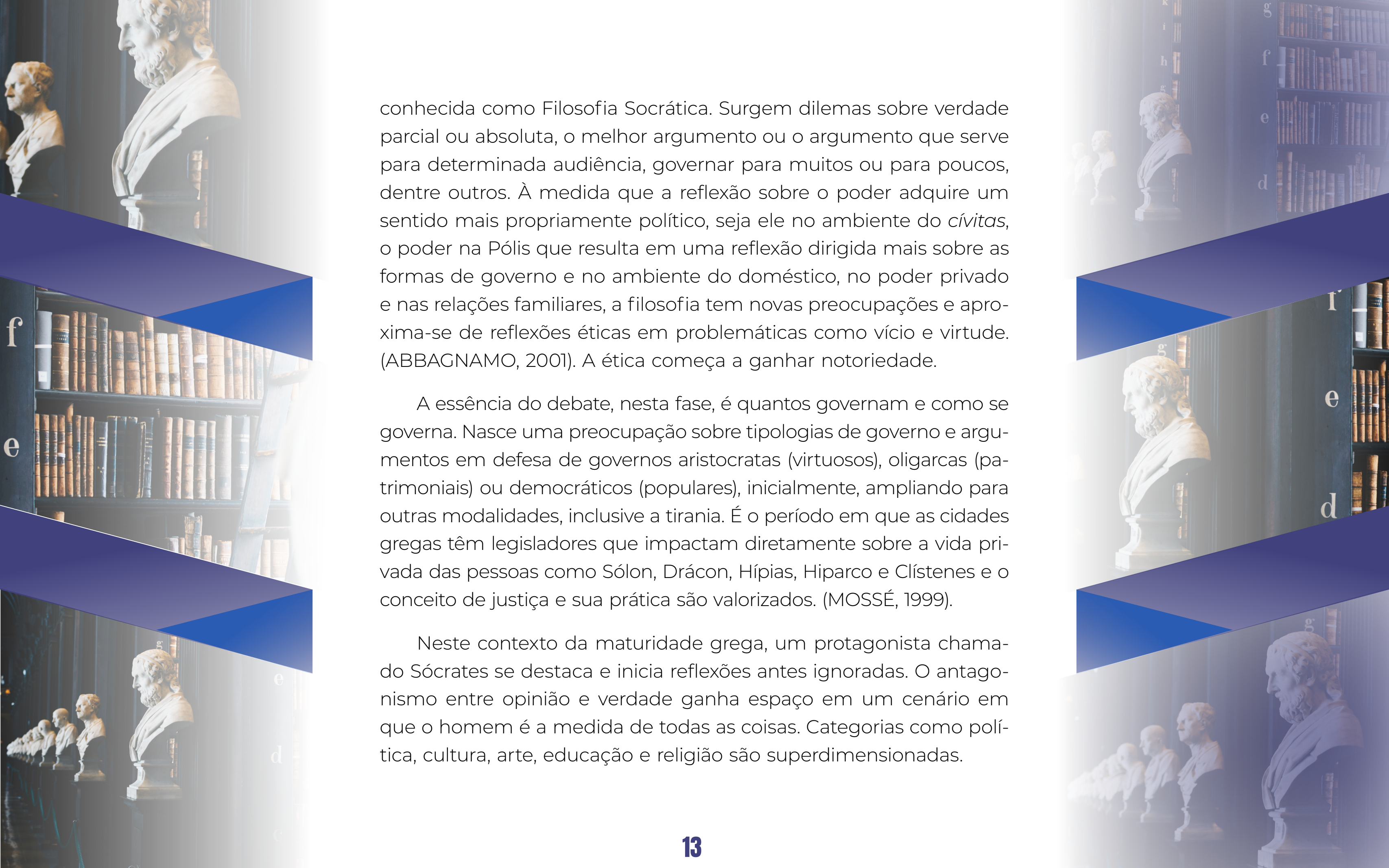
Diferentemente de orientais despóticos, em sua grande maioria, presos em convicções religiosas e mitos teológicos, os gregos primaram pelo interesse em dar respostas racionais às grandes indagações universais, privilegiando um olhar antropocêntrico humanizado ao invés de decisões vindas do alto, próprias de tiranias orientais. (VERNANT, 1973).

Ancorados em explicações concretas, sólidas, até mesmo os poemas homéricos na literatura clássica grega traziam como pano de fundo uma preocupação com harmonia, proporção, limite e medida, não se limitando à narrativa de meros fatos, mas, em especial, investigando a relação de causas, razões e motivações.

Sempre preocupado com as causas naturais dos fenômenos, o pensamento grego, avançou para o cuidado e o respeito às opiniões sobre a origem de todas as coisas, primando por uma percepção humanizada sobre os eventos naturais. Assim nasceu o que chamamos

The background of the slide is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several classical marble busts of philosophers, including one of Plato, arranged on a dark surface. The overall color scheme is blue and white, with a diagonal blue band running across the middle of the page.

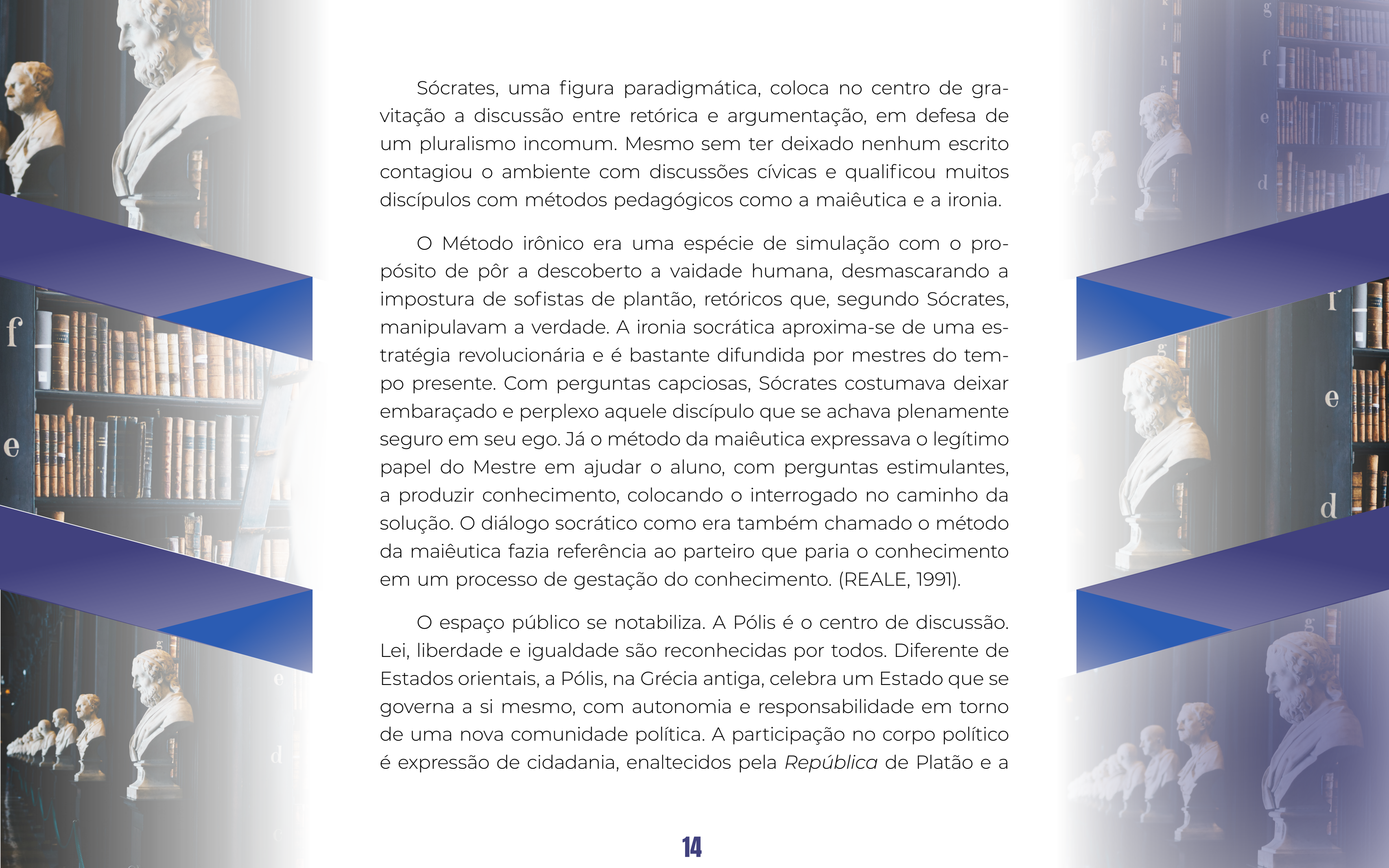
de filosofia cosmológica ou filosofia naturalista, tendo como foco a explicação sobre a origem constitutiva do universo. Filósofos como Heráclito, Parmênides, Demócrito, Tales de Mileto, Pitágoras, Anaximandro e Anaxímenes divergiram sobre o elemento primordial de todas as coisas, nascendo aí a autonomia e a liberdade humana nas explicações sobre a origem constitutiva do universo. A liberdade de pensamento e as várias problematizações visavam respostas. Nascia a necessidade de perguntar e responder. Mesmo sem consenso, respostas diferentes foram dadas diante das mesmas questões. Alguns diziam ser o elemento primordial do universo a água, o fogo, outros o ar e outros ainda diziam ser o número. Pensadores contemporâneos como Nietzsche e outros afirmaram ser este o melhor e único momento da filosofia. Filosofia e física se confundiam dado seu forte interesse pela natureza cosmológica. Com a ascensão econômica e militar dos gregos e o advento de um crescimento urbanístico por conta do poder constituído, resultado de vitórias bélicas, o foco pelo interesse antropológico e político aumentou consideravelmente, havendo uma maior preocupação em se estabelecer regras de convívio na família (privado) e na praça (pública); a refletir sobre o que chamamos de poder, do poder do poder, sobre o poder da verdade que é verdadeira e da verdade que é aparência (simulacro), que parece verdadeira, mas não é, que por extensão parece justa, mas é injusta. É neste contexto que visualizamos o nascimento da filosofia antropocêntrica e gnosiológica, iniciada pelos sofistas e consolidada por Sócrates e seus discípulos Platão e Aristóteles, passando a ser

The background of the page is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several classical marble busts of philosophers, including Socrates, arranged on a dark surface. The overall color scheme is a mix of dark blues, greys, and the warm tones of the books and marble.

conhecida como Filosofia Socrática. Surgem dilemas sobre verdade parcial ou absoluta, o melhor argumento ou o argumento que serve para determinada audiência, governar para muitos ou para poucos, dentre outros. À medida que a reflexão sobre o poder adquire um sentido mais propriamente político, seja ele no ambiente do *cívitas*, o poder na Pólis que resulta em uma reflexão dirigida mais sobre as formas de governo e no ambiente do doméstico, no poder privado e nas relações familiares, a filosofia tem novas preocupações e aproxima-se de reflexões éticas em problemáticas como vício e virtude. (ABBAGNAMO, 2001). A ética começa a ganhar notoriedade.

A essência do debate, nesta fase, é quantos governam e como se governa. Nasce uma preocupação sobre tipologias de governo e argumentos em defesa de governos aristocratas (virtuosos), oligarcas (patrimoniais) ou democráticos (populares), inicialmente, ampliando para outras modalidades, inclusive a tirania. É o período em que as cidades gregas têm legisladores que impactam diretamente sobre a vida privada das pessoas como Sólon, Drácon, Hípias, Hiparco e Clístenes e o conceito de justiça e sua prática são valorizados. (MOSSÉ, 1999).

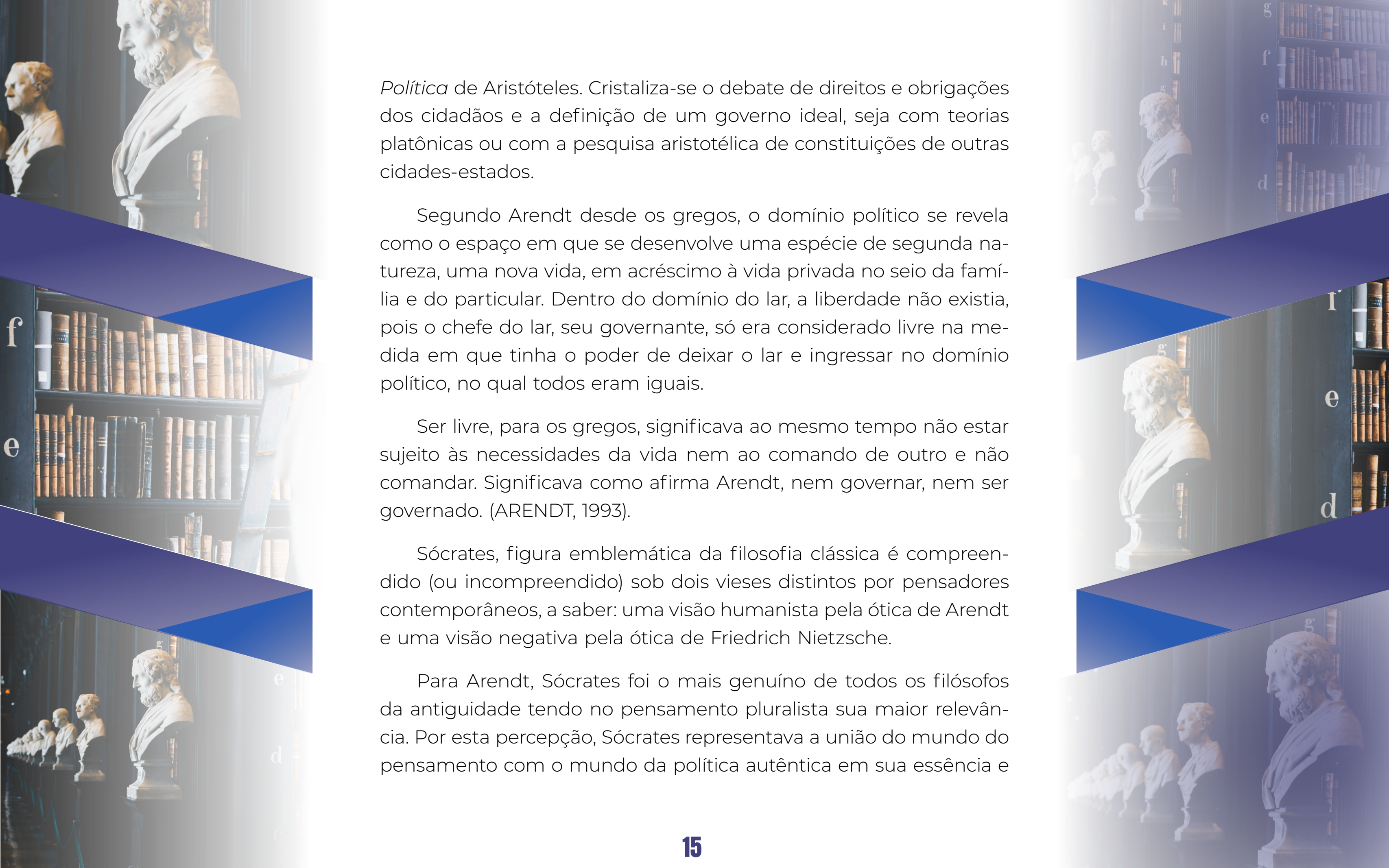
Neste contexto da maturidade grega, um protagonista chamado Sócrates se destaca e inicia reflexões antes ignoradas. O antagonismo entre opinião e verdade ganha espaço em um cenário em que o homem é a medida de todas as coisas. Categorias como política, cultura, arte, educação e religião são superdimensionadas.



Sócrates, uma figura paradigmática, coloca no centro de gravitação a discussão entre retórica e argumentação, em defesa de um pluralismo incomum. Mesmo sem ter deixado nenhum escrito contagiou o ambiente com discussões cívicas e qualificou muitos discípulos com métodos pedagógicos como a maiêutica e a ironia.

O Método irônico era uma espécie de simulação com o propósito de pôr a descoberto a vaidade humana, desmascarando a impostura de sofistas de plantão, retóricos que, segundo Sócrates, manipulavam a verdade. A ironia socrática aproxima-se de uma estratégia revolucionária e é bastante difundida por mestres do tempo presente. Com perguntas capciosas, Sócrates costumava deixar embaraçado e perplexo aquele discípulo que se achava plenamente seguro em seu ego. Já o método da maiêutica expressava o legítimo papel do Mestre em ajudar o aluno, com perguntas estimulantes, a produzir conhecimento, colocando o interrogado no caminho da solução. O diálogo socrático como era também chamado o método da maiêutica fazia referência ao parteiro que paria o conhecimento em um processo de gestação do conhecimento. (REALE, 1991).

O espaço público se notabiliza. A Pólis é o centro de discussão. Lei, liberdade e igualdade são reconhecidas por todos. Diferente de Estados orientais, a Pólis, na Grécia antiga, celebra um Estado que se governa a si mesmo, com autonomia e responsabilidade em torno de uma nova comunidade política. A participação no corpo político é expressão de cidadania, enaltecidos pela *República* de Platão e a

The background of the slide is a composite image of a library. On the left, there are several classical marble busts of philosophers, including a prominent one of Aristotle. To the right, there are tall bookshelves filled with books. The image is overlaid with a semi-transparent blue and white geometric pattern consisting of diagonal lines and triangles. The text is centered in the white areas.


Política de Aristóteles. Cristaliza-se o debate de direitos e obrigações dos cidadãos e a definição de um governo ideal, seja com teorias platônicas ou com a pesquisa aristotélica de constituições de outras cidades-estados.

Segundo Arendt desde os gregos, o domínio político se revela como o espaço em que se desenvolve uma espécie de segunda natureza, uma nova vida, em acréscimo à vida privada no seio da família e do particular. Dentro do domínio do lar, a liberdade não existia, pois o chefe do lar, seu governante, só era considerado livre na medida em que tinha o poder de deixar o lar e ingressar no domínio político, no qual todos eram iguais.

Ser livre, para os gregos, significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e não comandar. Significava como afirma Arendt, nem governar, nem ser governado. (ARENDR, 1993).

Sócrates, figura emblemática da filosofia clássica é compreendido (ou incompreendido) sob dois vieses distintos por pensadores contemporâneos, a saber: uma visão humanista pela ótica de Arendt e uma visão negativa pela ótica de Friedrich Nietzsche.

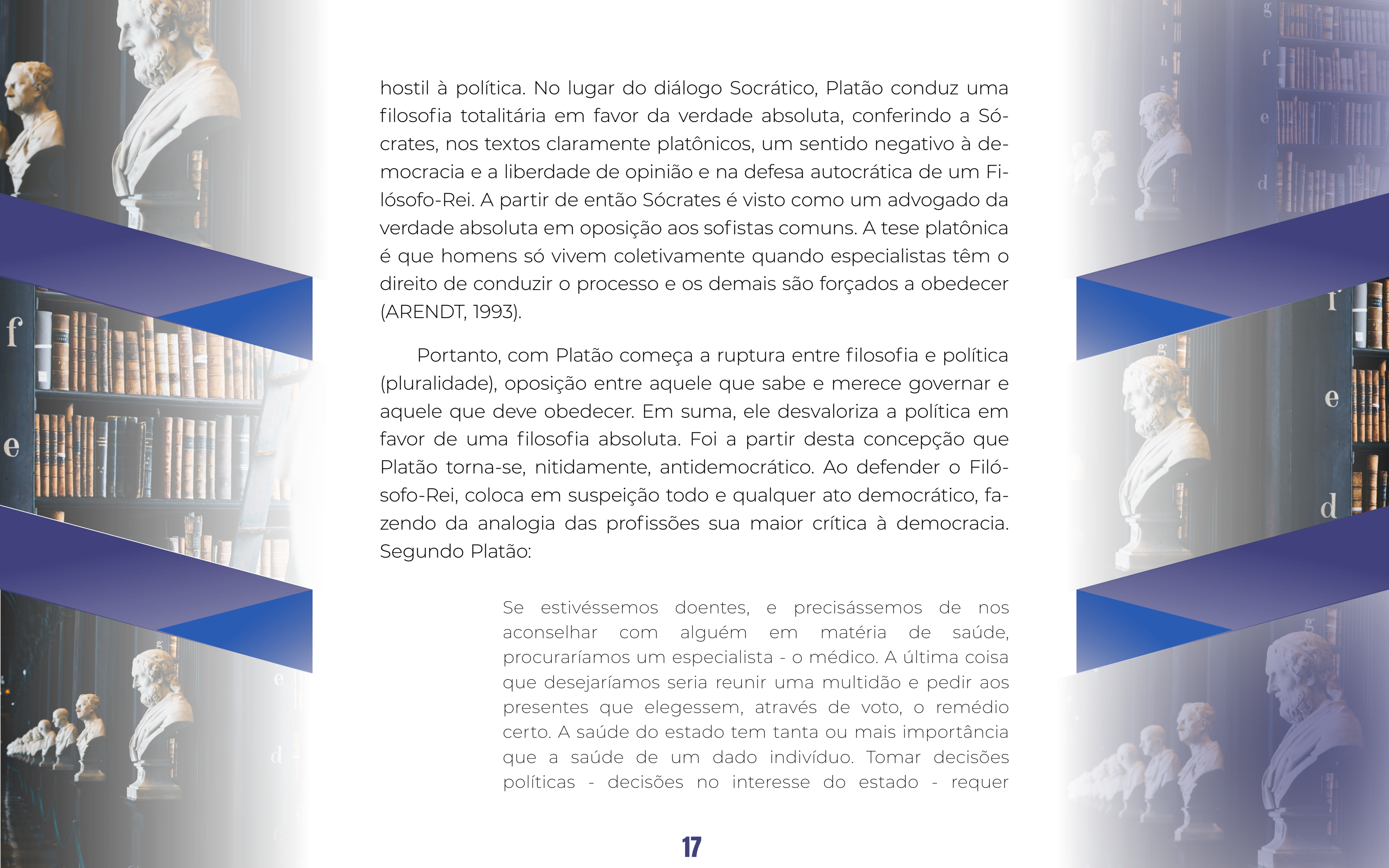
Para Arendt, Sócrates foi o mais genuíno de todos os filósofos da antiguidade tendo no pensamento pluralista sua maior relevância. Por esta percepção, Sócrates representava a união do mundo do pensamento com o mundo da política autêntica em sua essência e



não naquilo que ela se transformou na sequência. A concepção humanista de Sócrates está em todo e qualquer momento conduzir as pessoas para a verdade, do verdadeiro sentido das coisas. Teve o mérito de ter universalizado a filosofia para todos os cidadãos da Pólis por meio do diálogo, da interação e da propositividade. (VICENTE, 2020).

Diuturnamente era visto circulando na Ágora com a finalidade maior de aperfeiçoar os cidadãos pela palavra, promovendo a liberdade, a justiça e a igualdade. Diferentemente de outros estudiosos de Sócrates, Arendt vê no filósofo o respeito à toda e qualquer opinião, desde que fosse clarificada e sincera. Seu objetivo maior, segundo Arendt, era revelar à opinião a sua própria verdade. Tinha claro que a missão do filósofo era criar um mundo comum, sem prejuízo de qualquer pessoa, promovendo até o fim a convergência entre a filosofia e a política. Jamais teve a pretensão de governar os homens, tão pouco de opor-se aos homens do poder político, mas promovê-los com sugestões e orientações, sendo um cidadão entre cidadãos, fomentando e instigando a cidadania plena.

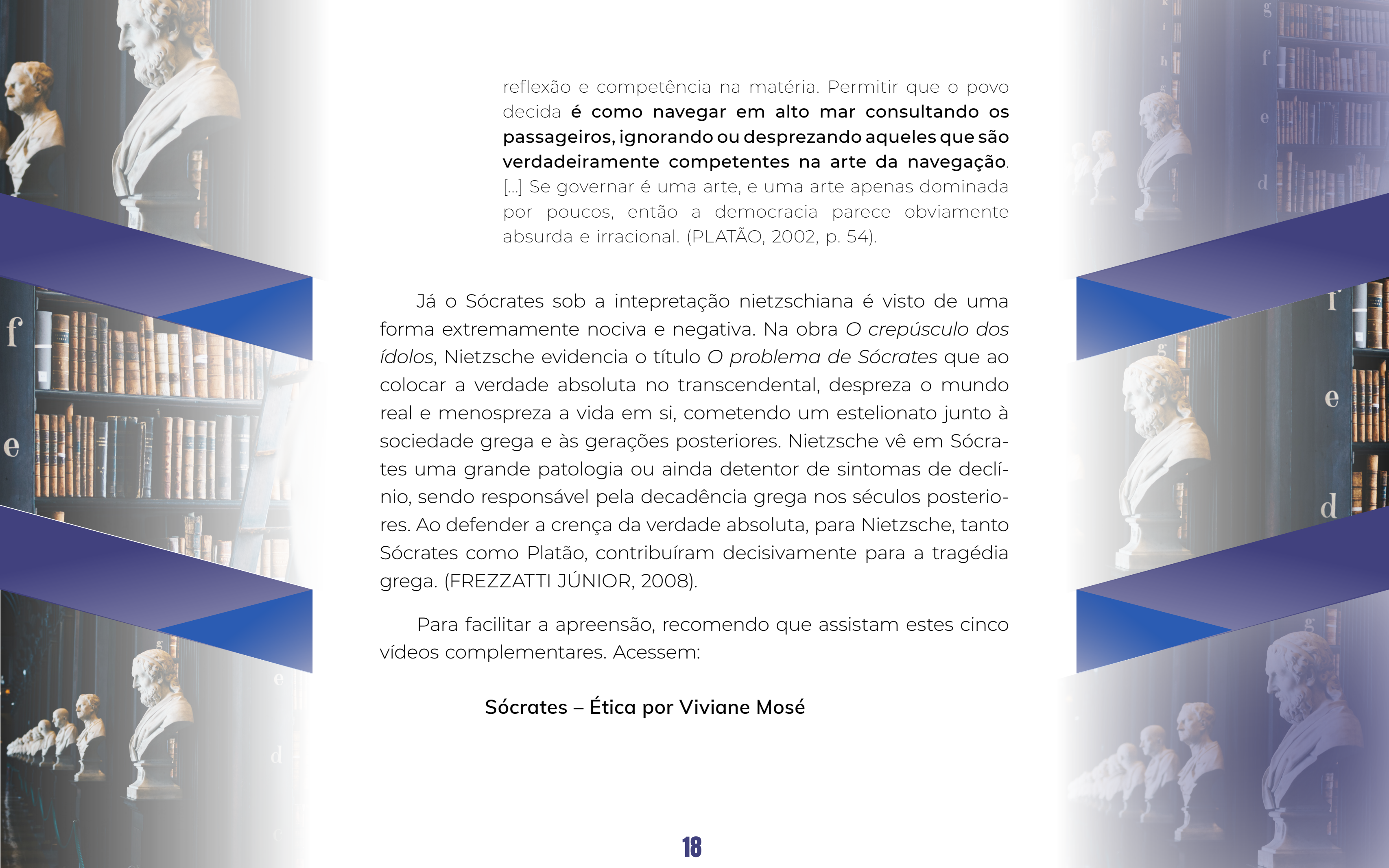
A sentença e a posterior morte de Sócrates, por cicuta, fez seus discípulos, entre eles Platão, a rever o conceito pluralista tão bem defendido por Sócrates. Para Platão, o fato de Sócrates não ter conseguido convencer seus algozes com argumentos, indicava que a estratégia de convencimento devia ser alterada pela imposição de uma verdade maior. A partir de tais acontecimentos, a filosofia é



hostil à política. No lugar do diálogo Socrático, Platão conduz uma filosofia totalitária em favor da verdade absoluta, conferindo a Sócrates, nos textos claramente platônicos, um sentido negativo à democracia e a liberdade de opinião e na defesa autocrática de um Filósofo-Rei. A partir de então Sócrates é visto como um advogado da verdade absoluta em oposição aos sofistas comuns. A tese platônica é que homens só vivem coletivamente quando especialistas têm o direito de conduzir o processo e os demais são forçados a obedecer (ARENDDT, 1993).

Portanto, com Platão começa a ruptura entre filosofia e política (pluralidade), oposição entre aquele que sabe e merece governar e aquele que deve obedecer. Em suma, ele desvaloriza a política em favor de uma filosofia absoluta. Foi a partir desta concepção que Platão torna-se, nitidamente, antidemocrático. Ao defender o Filósofo-Rei, coloca em suspeição todo e qualquer ato democrático, fazendo da analogia das profissões sua maior crítica à democracia. Segundo Platão:

Se estivéssemos doentes, e precisássemos de nos aconselhar com alguém em matéria de saúde, procuraríamos um especialista - o médico. A última coisa que desejaríamos seria reunir uma multidão e pedir aos presentes que elegessem, através de voto, o remédio certo. A saúde do estado tem tanta ou mais importância que a saúde de um dado indivíduo. Tomar decisões políticas - decisões no interesse do estado - requer



reflexão e competência na matéria. Permitir que o povo decida **é como navegar em alto mar consultando os passageiros, ignorando ou desprezando aqueles que são verdadeiramente competentes na arte da navegação.** [...] Se governar é uma arte, e uma arte apenas dominada por poucos, então a democracia parece obviamente absurda e irracional. (PLATÃO, 2002, p. 54).

Já o Sócrates sob a interpretação nietzschiana é visto de uma forma extremamente nociva e negativa. Na obra *O crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche evidencia o título *O problema de Sócrates* que ao colocar a verdade absoluta no transcendental, despreza o mundo real e menospreza a vida em si, cometendo um estelionato junto à sociedade grega e às gerações posteriores. Nietzsche vê em Sócrates uma grande patologia ou ainda detentor de sintomas de declínio, sendo responsável pela decadência grega nos séculos posteriores. Ao defender a crença da verdade absoluta, para Nietzsche, tanto Sócrates como Platão, contribuíram decisivamente para a tragédia grega. (FREZZATTI JÚNIOR, 2008).

Para facilitar a apreensão, recomendo que assistam estes cinco vídeos complementares. Acessem:

Sócrates – Ética por Viviane Mosé



Sócrates e a autoconfiança por Alain de Botton

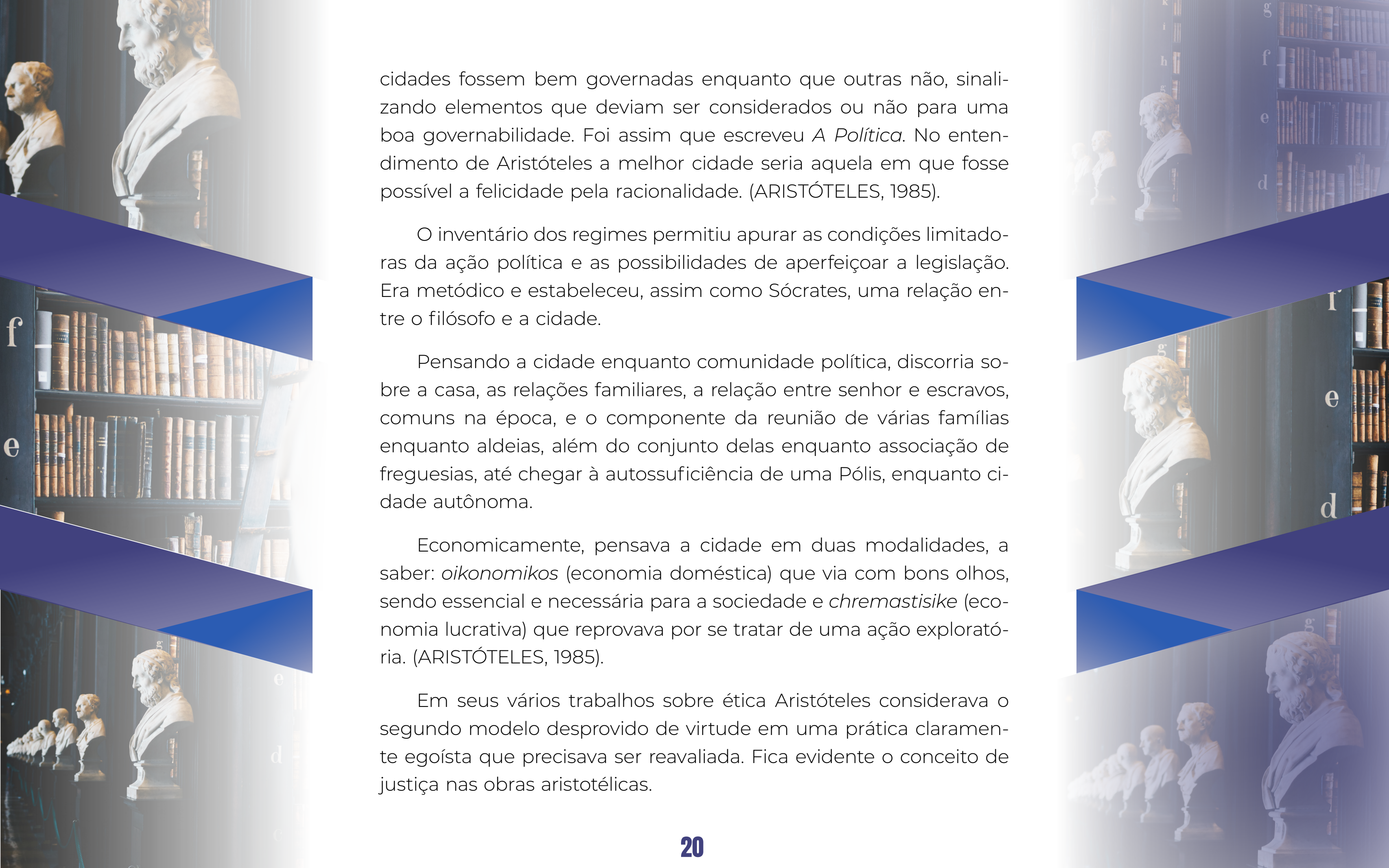
Sócrates e a autoconfiança Parte II por Alain Botton

Sócrates e a maiêutica

Pensamento Platônico

Enquanto Platão tinha como alvo o mundo das ideias para chegar à verdade, Aristóteles, diferentemente, empenhava-se por praticidades dentro de um pragmatismo incomum e uma lógica realista. Para tanto Aristóteles, enquanto cosmopolita, percorreu muitos caminhos para ter acesso à mais de 158 constituições distintas do mundo helênico, comparando-as criteriosamente, para posteriormente escrever a *Constituição de Atenas*.

Metodologicamente, investigava criteriosamente escritos de predecessores que, de alguma forma, tinham debruçado sobre idêntica problemática em uma espécie de revisão de literatura. Após este procedimento, era comum a análise criteriosa de constituições de outras cidades-estados, considerando elementos positivos e negativos em uma avaliação sobre as causas e razões para que algumas



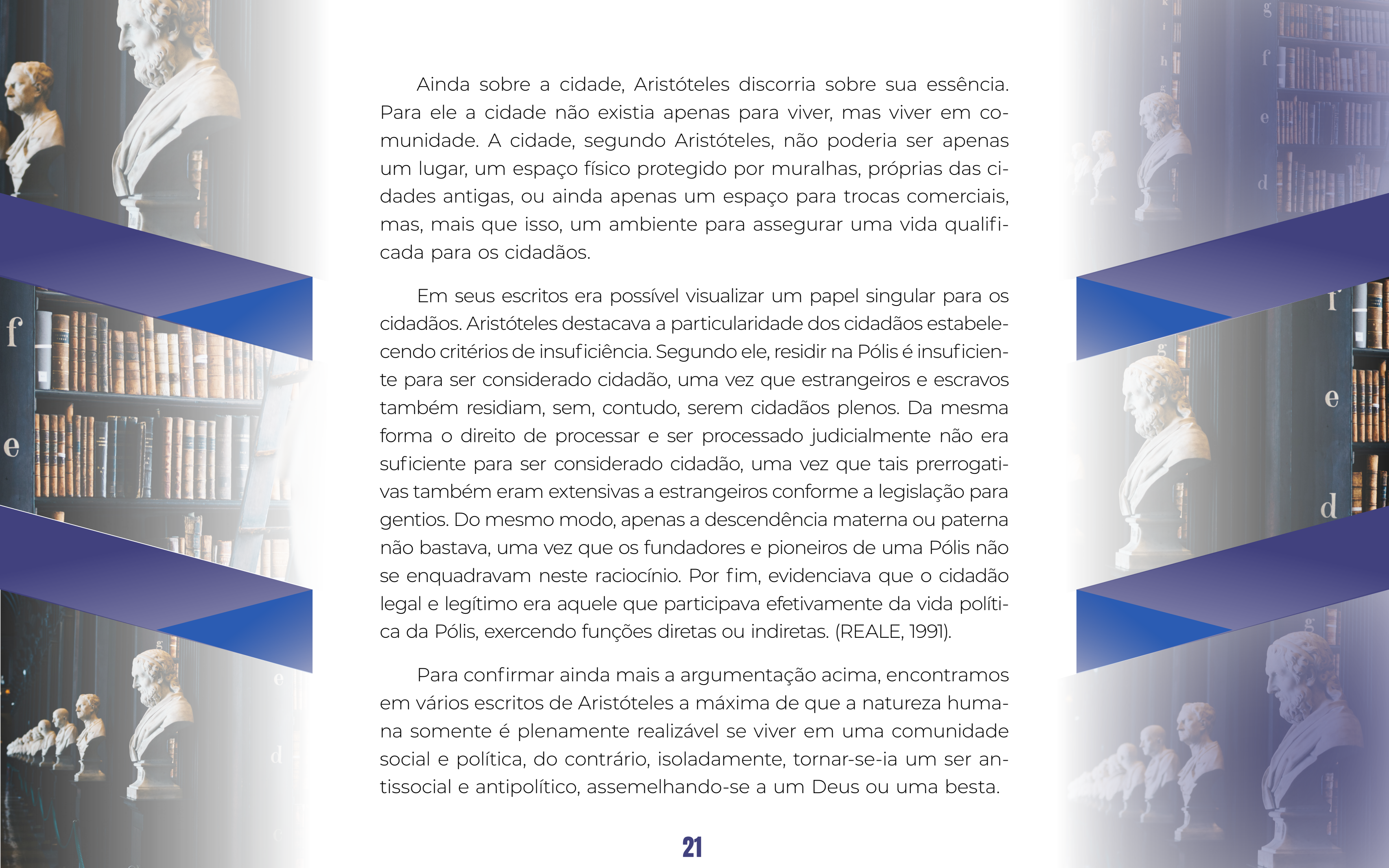
idades fossem bem governadas enquanto que outras não, sinalizando elementos que deviam ser considerados ou não para uma boa governabilidade. Foi assim que escreveu *A Política*. No entendimento de Aristóteles a melhor cidade seria aquela em que fosse possível a felicidade pela racionalidade. (ARISTÓTELES, 1985).

O inventário dos regimes permitiu apurar as condições limitadoras da ação política e as possibilidades de aperfeiçoar a legislação. Era metódico e estabeleceu, assim como Sócrates, uma relação entre o filósofo e a cidade.

Pensando a cidade enquanto comunidade política, discorria sobre a casa, as relações familiares, a relação entre senhor e escravos, comuns na época, e o componente da reunião de várias famílias enquanto aldeias, além do conjunto delas enquanto associação de freguesias, até chegar à autossuficiência de uma Pólis, enquanto cidade autônoma.

Economicamente, pensava a cidade em duas modalidades, a saber: *oikonomikos* (economia doméstica) que via com bons olhos, sendo essencial e necessária para a sociedade e *chremastisike* (economia lucrativa) que reprovava por se tratar de uma ação exploratória. (ARISTÓTELES, 1985).

Em seus vários trabalhos sobre ética Aristóteles considerava o segundo modelo desprovido de virtude em uma prática claramente egoísta que precisava ser reavaliada. Fica evidente o conceito de justiça nas obras aristotélicas.



Ainda sobre a cidade, Aristóteles discorria sobre sua essência. Para ele a cidade não existia apenas para viver, mas viver em comunidade. A cidade, segundo Aristóteles, não poderia ser apenas um lugar, um espaço físico protegido por muralhas, próprias das cidades antigas, ou ainda apenas um espaço para trocas comerciais, mas, mais que isso, um ambiente para assegurar uma vida qualificada para os cidadãos.

Em seus escritos era possível visualizar um papel singular para os cidadãos. Aristóteles destacava a particularidade dos cidadãos estabelecendo critérios de insuficiência. Segundo ele, residir na Pólis é insuficiente para ser considerado cidadão, uma vez que estrangeiros e escravos também residiam, sem, contudo, serem cidadãos plenos. Da mesma forma o direito de processar e ser processado judicialmente não era suficiente para ser considerado cidadão, uma vez que tais prerrogativas também eram extensivas a estrangeiros conforme a legislação para gentios. Do mesmo modo, apenas a descendência materna ou paterna não bastava, uma vez que os fundadores e pioneiros de uma Pólis não se enquadravam neste raciocínio. Por fim, evidenciava que o cidadão legal e legítimo era aquele que participava efetivamente da vida política da Pólis, exercendo funções diretas ou indiretas. (REALE, 1991).

Para confirmar ainda mais a argumentação acima, encontramos em vários escritos de Aristóteles a máxima de que a natureza humana somente é plenamente realizável se viver em uma comunidade social e política, do contrário, isoladamente, tornar-se-ia um ser antissocial e antipolítico, assemelhando-se a um Deus ou uma besta.



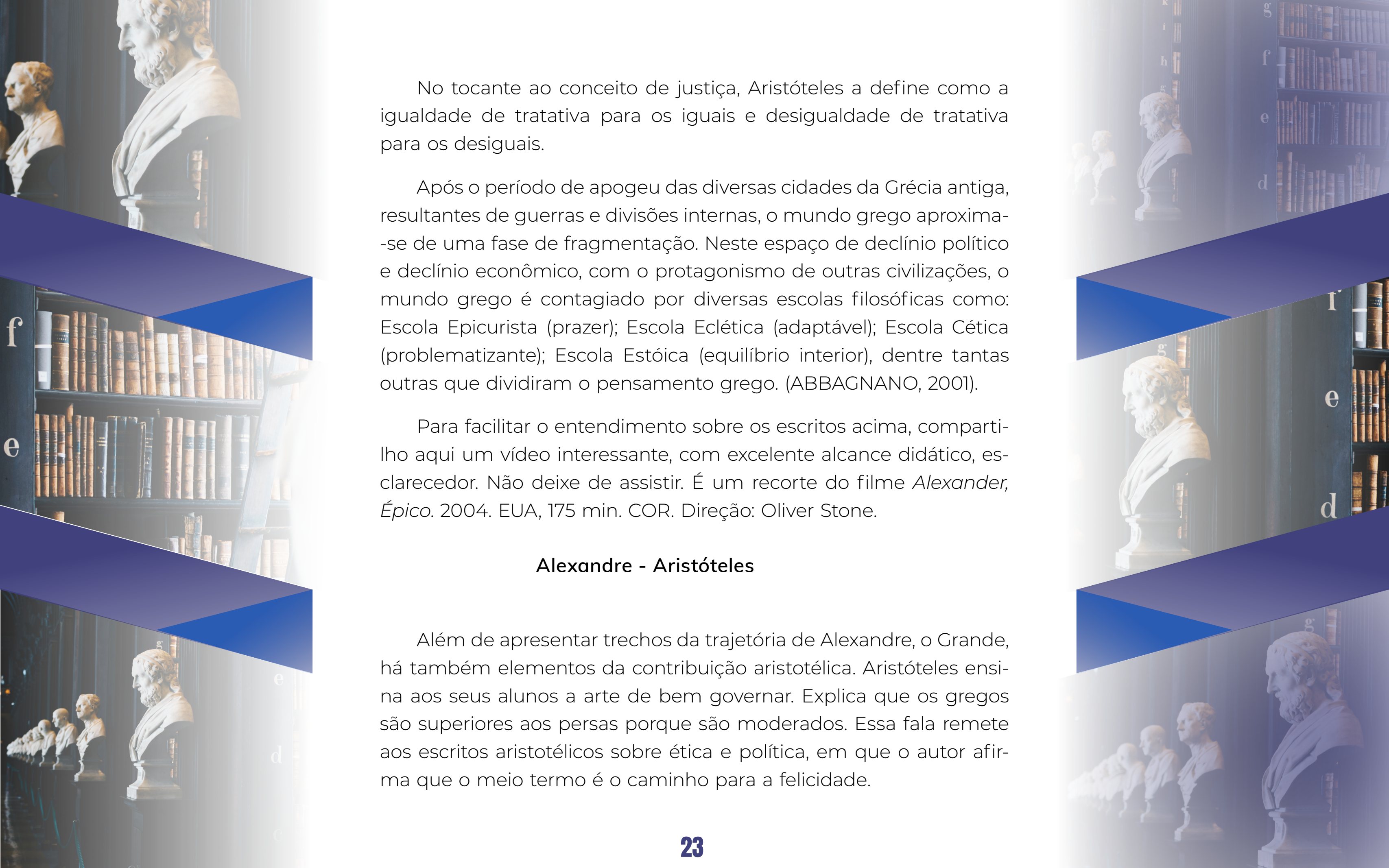
Outra grande contribuição Aristotélica é a clarificação dos regimes governamentais.

Para Aristóteles, em geral, os abastados são poucos e os pobres muitos, abrindo espaço para o conflito entre oligarquia e democracia. Considerava ainda, de forma inteligente, a possibilidade da existência de um terceiro regime por excelência, ou seja, a aristocracia, exercido por um grupo de pessoas virtuosas, sendo indistintamente ricos ou pobres, caracterizando interesses diferentes e, inevitavelmente, ocorrendo conflitos políticos. (ARISTÓTELES, 1985).

Finalmente, nesta questão, imputa a responsabilidade dos conflitos à ausência de protagonismo dos cidadãos.

Temática polêmica nos escritos Aristotélicos recaía na questão da escravidão. Aceitava a escravidão natural, mas condenava a escravidão por convenções artificiais, próprias do poder econômico ou de questões de guerra.

Outras duas questões que merecem uma atenção especial estão nos conceitos de propriedade e justiça. No quesito propriedade estabelece o perigo do excesso, o que guarda forte relação com seu conceito de justiça. A propriedade privada é justa, desde que haja limite. A ausência de controle do apetite individual causa conflitos desproporcionais, resultando em revoluções. Coloca em suspeição a propriedade comum, diferente de Platão, pois ela tem potencialidade para ferir o amor-próprio, segundo Aristóteles. Acrescenta que a educação e a virtude obstam os problemas advindos do mau uso da propriedade, seja ela pública ou privada. (REALE, 1991).



No tocante ao conceito de justiça, Aristóteles a define como a igualdade de tratativa para os iguais e desigualdade de tratativa para os desiguais.

Após o período de apogeu das diversas cidades da Grécia antiga, resultantes de guerras e divisões internas, o mundo grego aproxima-se de uma fase de fragmentação. Neste espaço de declínio político e declínio econômico, com o protagonismo de outras civilizações, o mundo grego é contagiado por diversas escolas filosóficas como: Escola Epicurista (prazer); Escola Eclética (adaptável); Escola Cética (problematizante); Escola Estóica (equilíbrio interior), dentre tantas outras que dividiram o pensamento grego. (ABBAGNANO, 2001).

Para facilitar o entendimento sobre os escritos acima, compartilho aqui um vídeo interessante, com excelente alcance didático, esclarecedor. Não deixe de assistir. É um recorte do filme *Alexander, Épico*. 2004. EUA, 175 min. COR. Direção: Oliver Stone.

Alexandre - Aristóteles

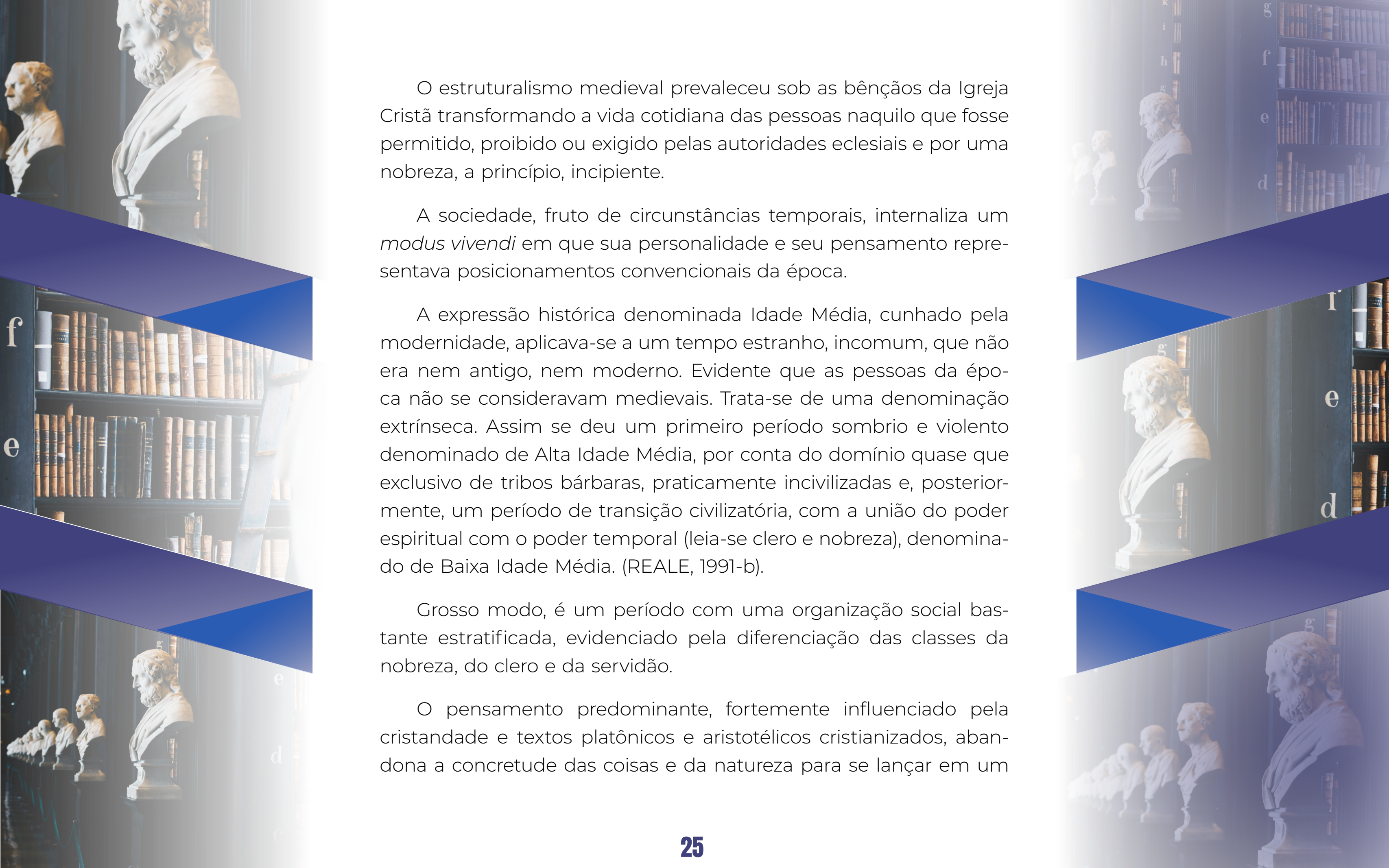
Além de apresentar trechos da trajetória de Alexandre, o Grande, há também elementos da contribuição aristotélica. Aristóteles ensina aos seus alunos a arte de bem governar. Explica que os gregos são superiores aos persas porque são moderados. Essa fala remete aos escritos aristotélicos sobre ética e política, em que o autor afirma que o meio termo é o caminho para a felicidade.

3. Pensamento filosófico medieval

A filosofia grega, embora fragmentada em escolas individuais, continuou provocando grande impacto na sociedade mundial. Seus pensadores são lidos e interpretados por autores e escritores que sobreviveram ao domínio de povos bárbaros, naquilo que ficou conhecido pelos historiadores como Alta Idade Média, período em que a civilização greco-romana foi tomada por dezenas de tribos consideradas bárbaras ou incivilizadas.

Em sequência resumida, afirma-se que a Civilização Grega foi dominada pela Civilização Macedônica e esta, dominada pela Civilização Romana que, por razões diversas, internas e externas, foi derrotada por povos estrangeiros, fragmentando a Europa em uma colcha de retalhos. Neste novo ambiente, hostil à civilização, à lei e à cultura, o pensamento greco-romano sobreviveu graças à manutenção da estrutura eclesial do cristianismo. Assim, autores e pensadores religiosos reavivaram a filosofia clássica sob uma nova roupagem, agora cristã. Em especial, textos platônicos e aristotélicos foram reinterpretados sob a ótica cristã por pensadores como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, dentre outros e categorizados pelos pensadores da história da filosofia como períodos filosóficos medievais da Patrística e da Escolástica. (PETERSON, 1981)

A sociedade medieval, presa às estruturas religiosas, foi condicionada pelo pensamento teocêntrico. Diz-se, sem cometer nenhuma heresia, que as grandes estruturas sociais e econômicas, quase sempre determinadas pelos sistemas, manipularam a Idade Média, pelo menos no início.

The background of the slide is a composite image of a library. On the left, there are several classical marble busts of men with beards, likely philosophers or scholars, arranged on a dark surface. Behind them are tall, dark wooden bookshelves filled with numerous books. The lighting is soft, creating a scholarly atmosphere. The image is partially obscured by blue geometric shapes that frame the text.

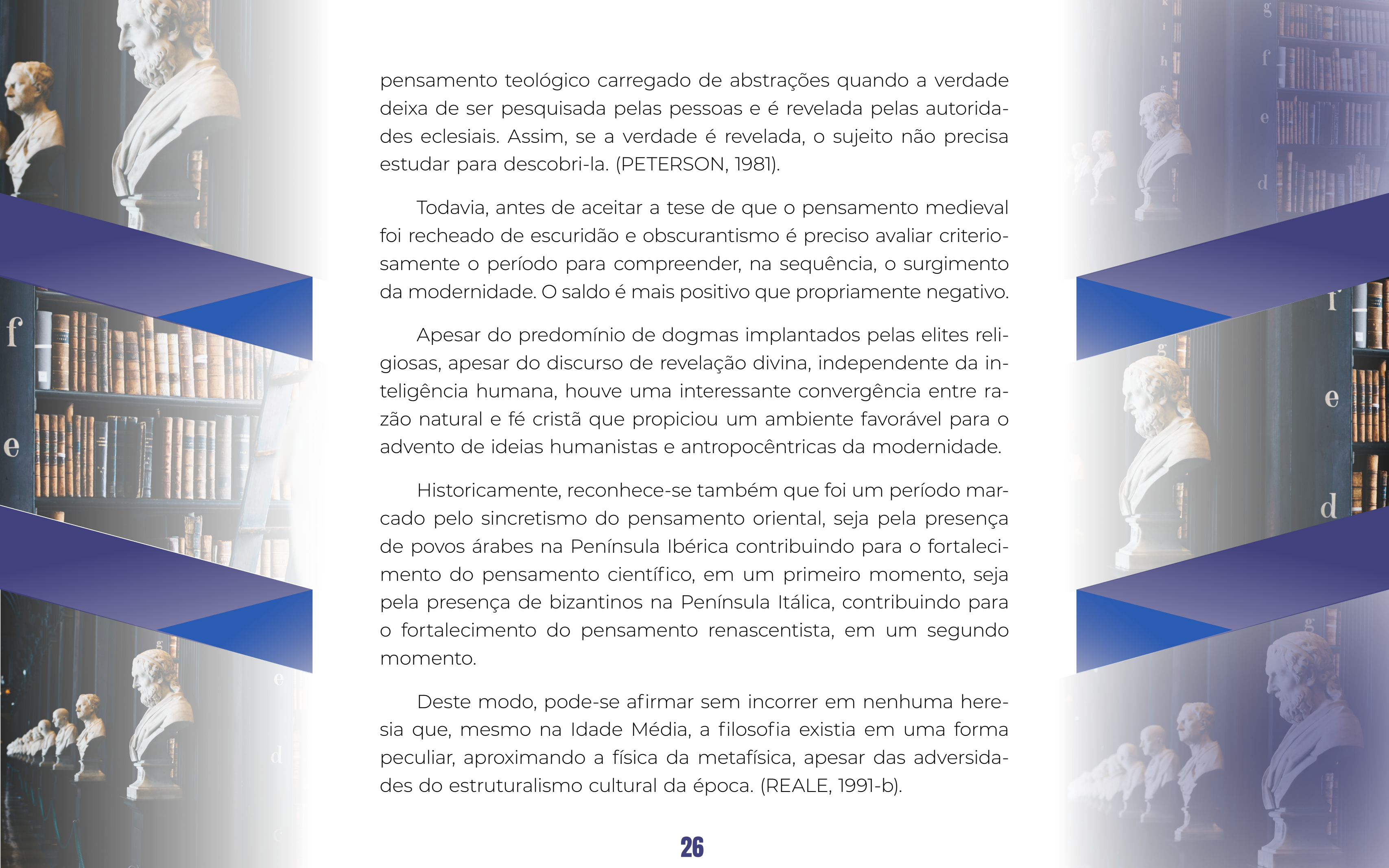
O estruturalismo medieval prevaleceu sob as bênçãos da Igreja Cristã transformando a vida cotidiana das pessoas naquilo que fosse permitido, proibido ou exigido pelas autoridades eclesiais e por uma nobreza, a princípio, incipiente.

A sociedade, fruto de circunstâncias temporais, internaliza um *modus vivendi* em que sua personalidade e seu pensamento representava posicionamentos convencionais da época.

A expressão histórica denominada Idade Média, cunhado pela modernidade, aplicava-se a um tempo estranho, incomum, que não era nem antigo, nem moderno. Evidente que as pessoas da época não se consideravam medievais. Trata-se de uma denominação extrínseca. Assim se deu um primeiro período sombrio e violento denominado de Alta Idade Média, por conta do domínio quase que exclusivo de tribos bárbaras, praticamente incivilizadas e, posteriormente, um período de transição civilizatória, com a união do poder espiritual com o poder temporal (leia-se clero e nobreza), denominado de Baixa Idade Média. (REALE, 1991-b).

Grosso modo, é um período com uma organização social bastante estratificada, evidenciado pela diferenciação das classes da nobreza, do clero e da servidão.

O pensamento predominante, fortemente influenciado pela cristandade e textos platônicos e aristotélicos cristianizados, abandona a concretude das coisas e da natureza para se lançar em um



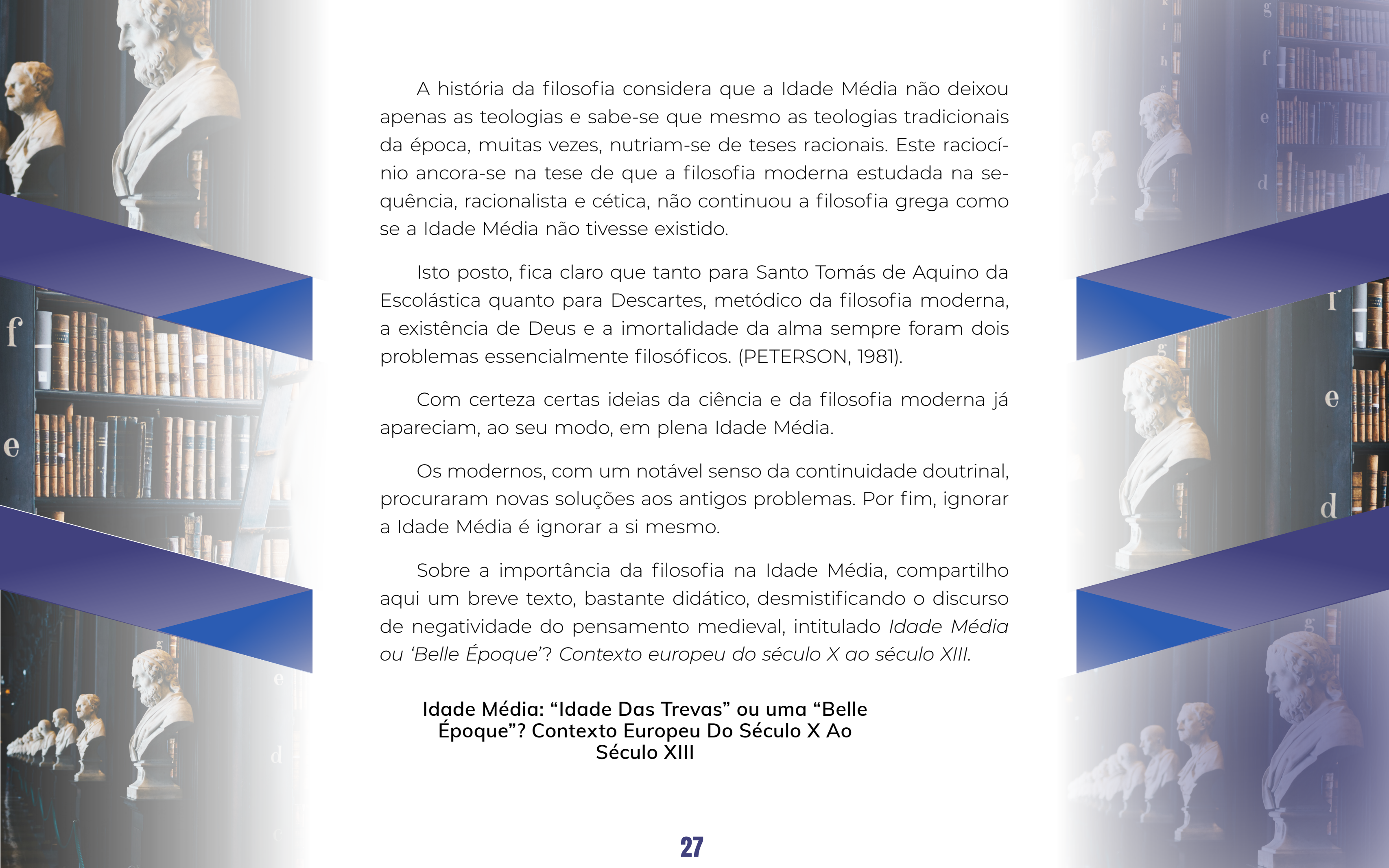
pensamento teológico carregado de abstrações quando a verdade deixa de ser pesquisada pelas pessoas e é revelada pelas autoridades eclesiais. Assim, se a verdade é revelada, o sujeito não precisa estudar para descobri-la. (PETERSON, 1981).

Todavia, antes de aceitar a tese de que o pensamento medieval foi recheado de escuridão e obscurantismo é preciso avaliar criteriosamente o período para compreender, na sequência, o surgimento da modernidade. O saldo é mais positivo que propriamente negativo.

Apesar do predomínio de dogmas implantados pelas elites religiosas, apesar do discurso de revelação divina, independente da inteligência humana, houve uma interessante convergência entre razão natural e fé cristã que propiciou um ambiente favorável para o advento de ideias humanistas e antropocêntricas da modernidade.

Historicamente, reconhece-se também que foi um período marcado pelo sincretismo do pensamento oriental, seja pela presença de povos árabes na Península Ibérica contribuindo para o fortalecimento do pensamento científico, em um primeiro momento, seja pela presença de bizantinos na Península Itálica, contribuindo para o fortalecimento do pensamento renascentista, em um segundo momento.

Deste modo, pode-se afirmar sem incorrer em nenhuma hereesia que, mesmo na Idade Média, a filosofia existia em uma forma peculiar, aproximando a física da metafísica, apesar das adversidades do estruturalismo cultural da época. (REALE, 1991-b).



A história da filosofia considera que a Idade Média não deixou apenas as teologias e sabe-se que mesmo as teologias tradicionais da época, muitas vezes, nutriam-se de teses racionais. Este raciocínio ancora-se na tese de que a filosofia moderna estudada na sequência, racionalista e cética, não continuou a filosofia grega como se a Idade Média não tivesse existido.

Isto posto, fica claro que tanto para Santo Tomás de Aquino da Escolástica quanto para Descartes, metódico da filosofia moderna, a existência de Deus e a imortalidade da alma sempre foram dois problemas essencialmente filosóficos. (PETERSON, 1981).

Com certeza certas ideias da ciência e da filosofia moderna já apareciam, ao seu modo, em plena Idade Média.

Os modernos, com um notável senso da continuidade doutrinal, procuraram novas soluções aos antigos problemas. Por fim, ignorar a Idade Média é ignorar a si mesmo.

Sobre a importância da filosofia na Idade Média, compartilho aqui um breve texto, bastante didático, desmistificando o discurso de negatividade do pensamento medieval, intitulado *Idade Média ou 'Belle Époque'?* Contexto europeu do século X ao século XIII.

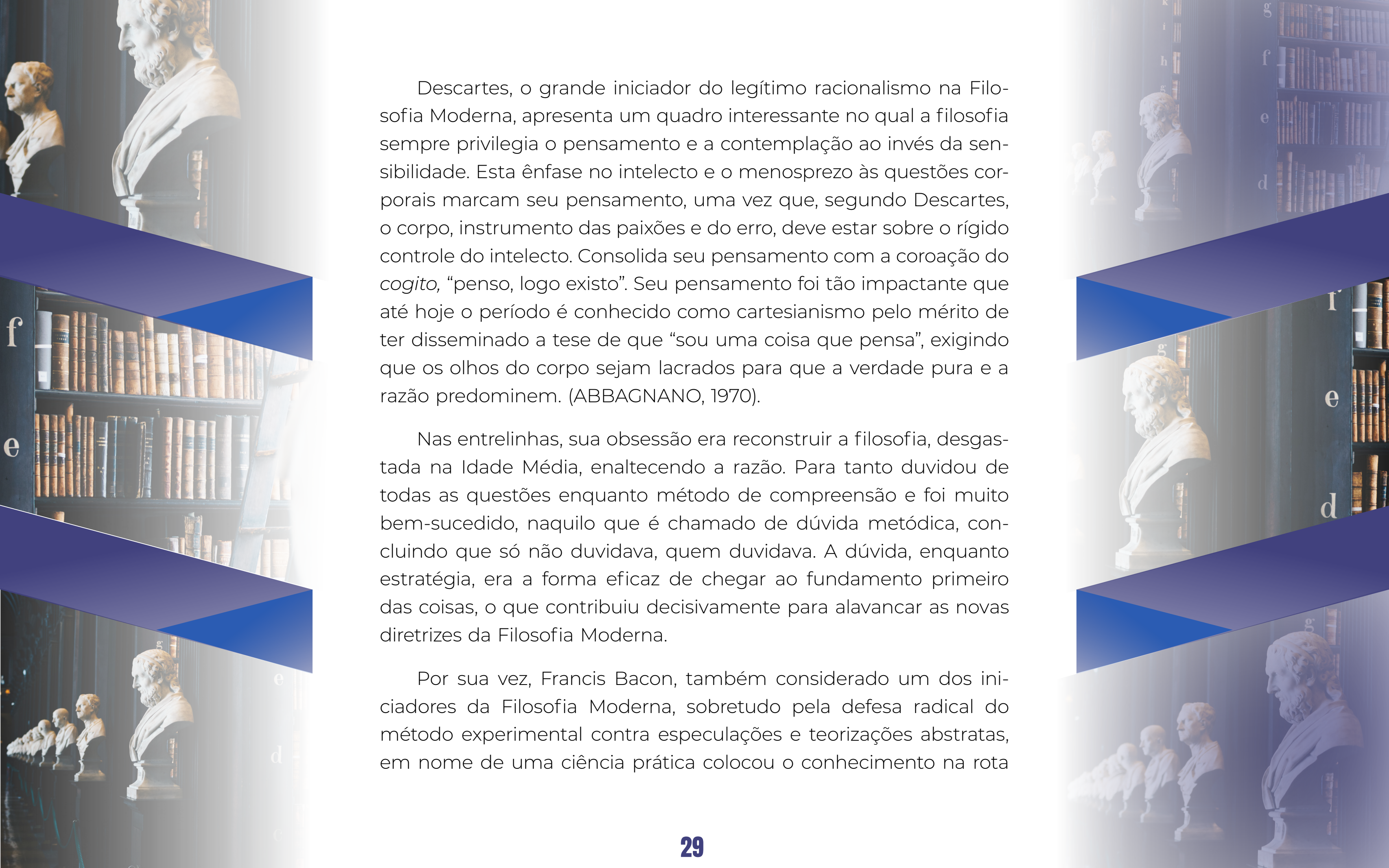
Idade Média: “Idade Das Trevas” ou uma “Belle Époque”? Contexto Europeu Do Século X Ao Século XIII

4. A Modernidade e a Filosofia

A modernidade foi um período filosófico em que a razão assume um papel decisivo e primordial em gradativo processo de transformações do pensamento ocidental iniciado no final da Alta Idade Média, mas com maior ênfase no século XVI quando ocorre uma clara ruptura com a tradição medieval e na forma de pensar. É uma mudança estratégica de paradigma. Uma nova mentalidade antropocêntrica e humanista é superdimensionada com a valorização do indivíduo e a subjetividade além de um saber que considera a exterioridade material dos objetos e da natureza. O projeto denominado Modernidade, é alavancado pela secularidade, estabelecendo novos marcos da cultura em direção ao tão desejado progresso secular.

Os homens tornam-se senhores de si mesmos, do seu futuro e conseqüentemente da história. A modernidade é o desencantamento da organização religiosa do mundo e que, dispensando a antiga ordem transcendental, institui, como novo elemento integrador, a política e a técnica do poder. O conhecimento, antes abnegado, é fonte de poder. É a razão que garante a salvação, agora não mais pura, mas vinculada e instrumentalizada ao ser restringida à dimensão científica. O científico, por sua vez, é o paradigma de conhecimento claro e seguro.

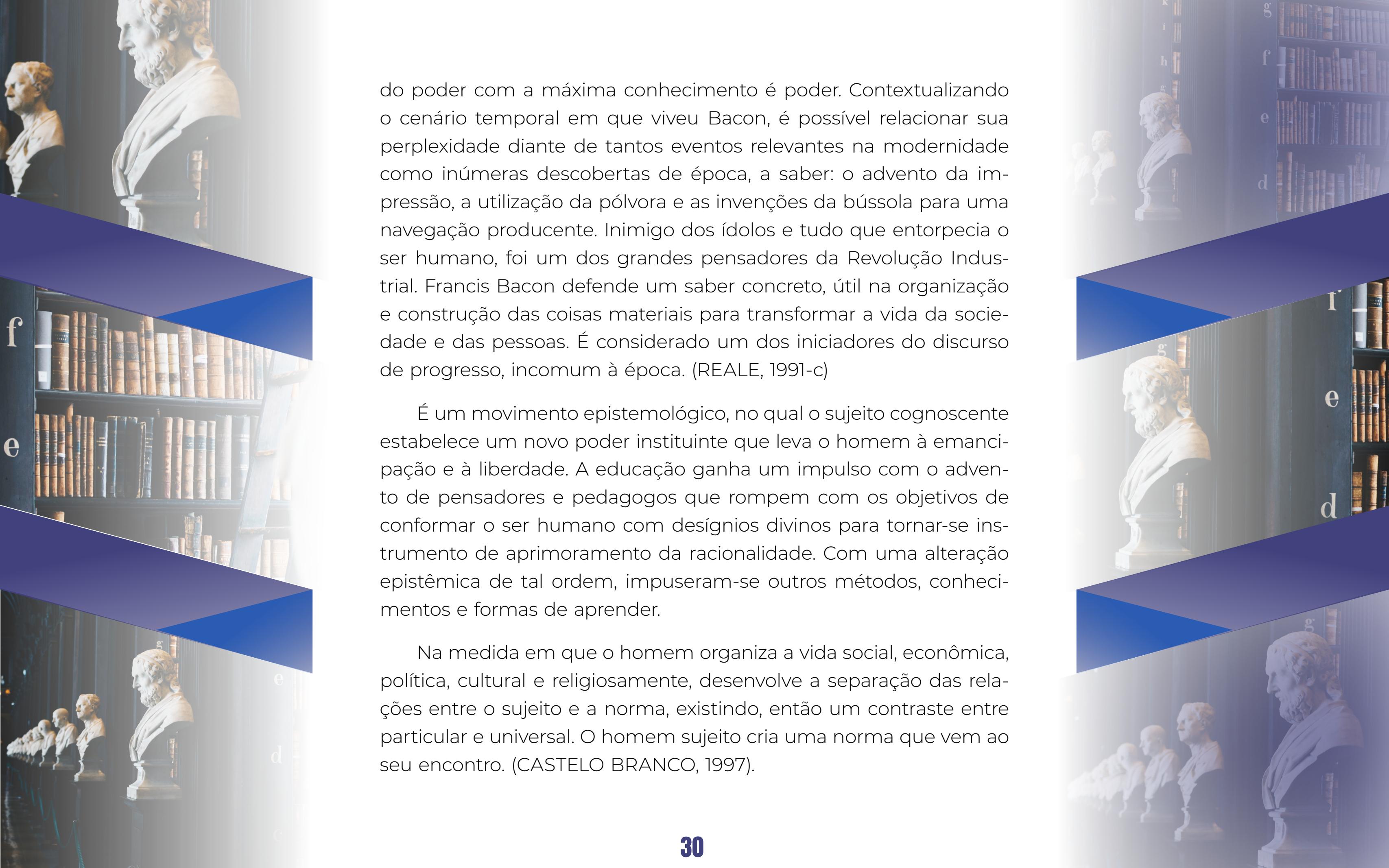
Pensadores como René Descartes, Francis Bacon, dentre outros, estabelecem uma pauta que associa filosofia à ciência.

The background of the page features a library setting with tall bookshelves filled with books. In the foreground, there are several white marble busts of philosophers, including a prominent one of René Descartes. The scene is dimly lit, with a blue and purple color scheme. Diagonal blue and purple bands cross the page, creating a modern, academic aesthetic.

Descartes, o grande iniciador do legítimo racionalismo na Filosofia Moderna, apresenta um quadro interessante no qual a filosofia sempre privilegia o pensamento e a contemplação ao invés da sensibilidade. Esta ênfase no intelecto e o menosprezo às questões corporais marcam seu pensamento, uma vez que, segundo Descartes, o corpo, instrumento das paixões e do erro, deve estar sobre o rígido controle do intelecto. Consolida seu pensamento com a coroação do *cogito*, “penso, logo existo”. Seu pensamento foi tão impactante que até hoje o período é conhecido como cartesianismo pelo mérito de ter disseminado a tese de que “sou uma coisa que pensa”, exigindo que os olhos do corpo sejam lacrados para que a verdade pura e a razão predominem. (ABBAGNANO, 1970).

Nas entrelinhas, sua obsessão era reconstruir a filosofia, desgastada na Idade Média, enaltecendo a razão. Para tanto duvidou de todas as questões enquanto método de compreensão e foi muito bem-sucedido, naquilo que é chamado de dúvida metódica, concluindo que só não duvidava, quem duvidava. A dúvida, enquanto estratégia, era a forma eficaz de chegar ao fundamento primeiro das coisas, o que contribuiu decisivamente para alavancar as novas diretrizes da Filosofia Moderna.

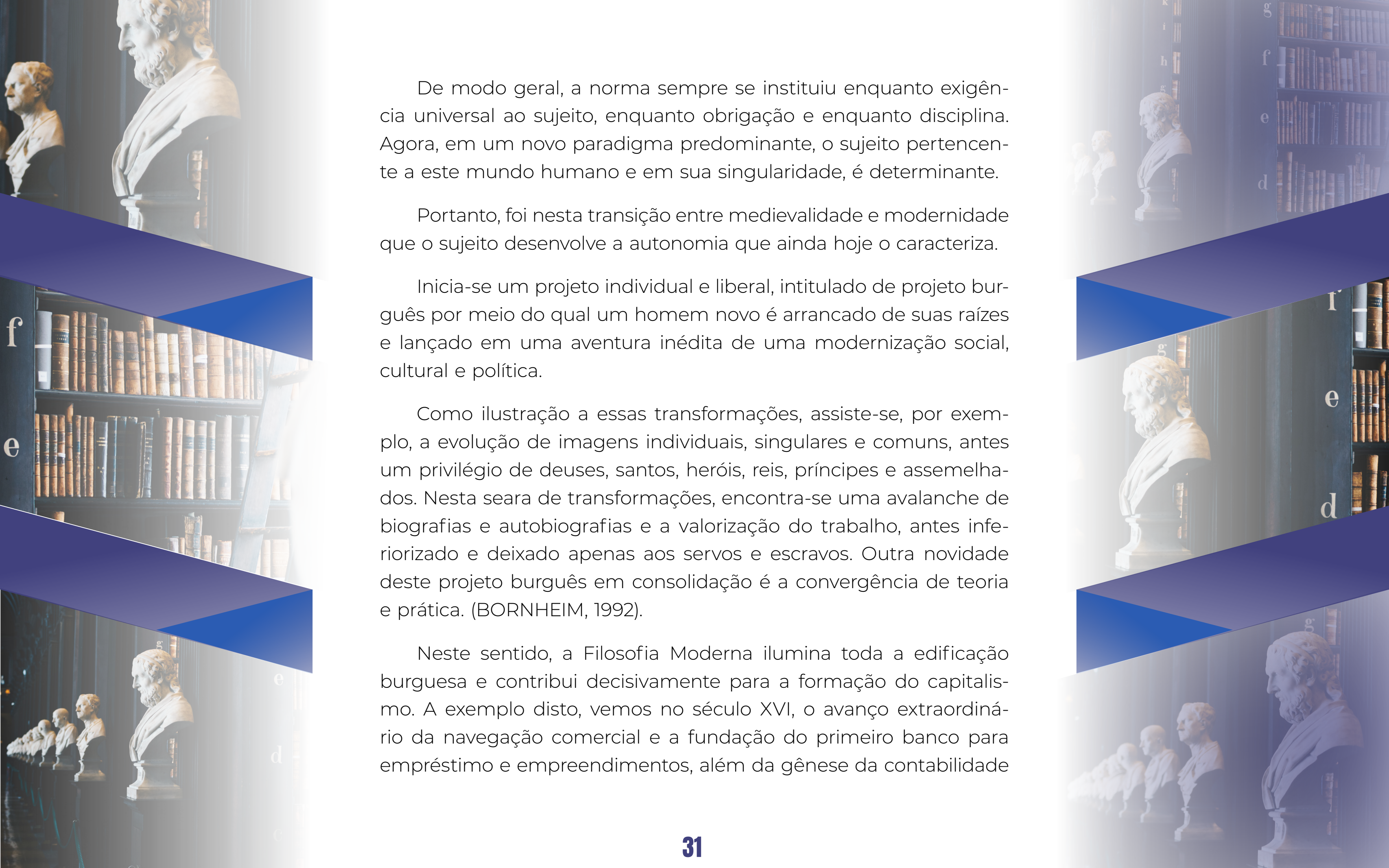
Por sua vez, Francis Bacon, também considerado um dos iniciadores da Filosofia Moderna, sobretudo pela defesa radical do método experimental contra especulações e teorizações abstratas, em nome de uma ciência prática colocou o conhecimento na rota



do poder com a máxima conhecimento é poder. Contextualizando o cenário temporal em que viveu Bacon, é possível relacionar sua perplexidade diante de tantos eventos relevantes na modernidade como inúmeras descobertas de época, a saber: o advento da impressão, a utilização da pólvora e as invenções da bússola para uma navegação produtora. Inimigo dos ídolos e tudo que entorpeceria o ser humano, foi um dos grandes pensadores da Revolução Industrial. Francis Bacon defende um saber concreto, útil na organização e construção das coisas materiais para transformar a vida da sociedade e das pessoas. É considerado um dos iniciadores do discurso de progresso, incomum à época. (REALE, 1991-c)

É um movimento epistemológico, no qual o sujeito cognoscente estabelece um novo poder instituinte que leva o homem à emancipação e à liberdade. A educação ganha um impulso com o advento de pensadores e pedagogos que rompem com os objetivos de conformar o ser humano com desígnios divinos para tornar-se instrumento de aprimoramento da racionalidade. Com uma alteração epistêmica de tal ordem, impuseram-se outros métodos, conhecimentos e formas de aprender.

Na medida em que o homem organiza a vida social, econômica, política, cultural e religiosamente, desenvolve a separação das relações entre o sujeito e a norma, existindo, então um contraste entre particular e universal. O homem sujeito cria uma norma que vem ao seu encontro. (CASTELO BRANCO, 1997).



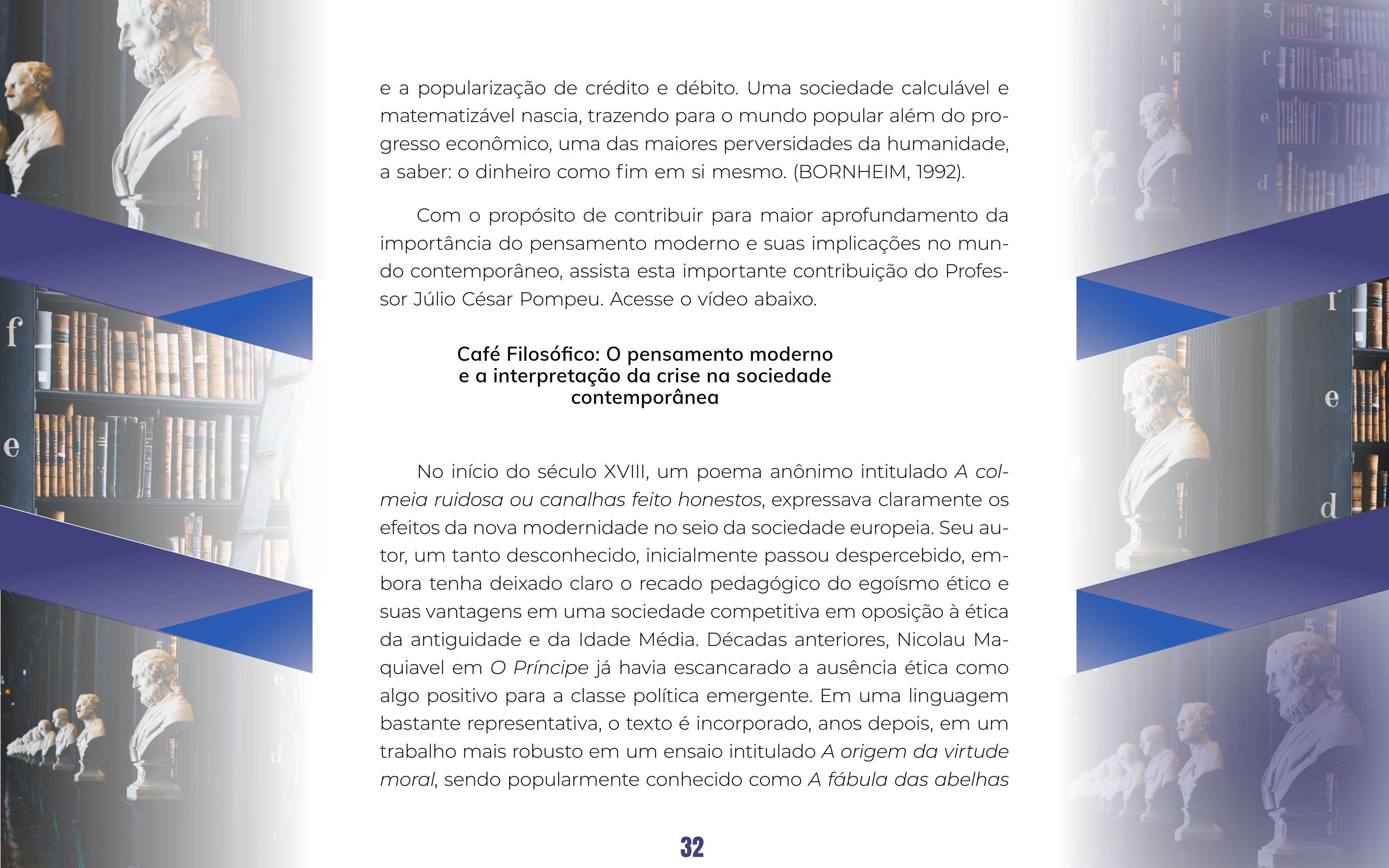
De modo geral, a norma sempre se instituiu enquanto exigência universal ao sujeito, enquanto obrigação e enquanto disciplina. Agora, em um novo paradigma predominante, o sujeito pertencente a este mundo humano e em sua singularidade, é determinante.

Portanto, foi nesta transição entre medievalidade e modernidade que o sujeito desenvolve a autonomia que ainda hoje o caracteriza.

Inicia-se um projeto individual e liberal, intitulado de projeto burguês por meio do qual um homem novo é arrancado de suas raízes e lançado em uma aventura inédita de uma modernização social, cultural e política.

Como ilustração a essas transformações, assiste-se, por exemplo, a evolução de imagens individuais, singulares e comuns, antes um privilégio de deuses, santos, heróis, reis, príncipes e assemelhados. Nesta seara de transformações, encontra-se uma avalanche de biografias e autobiografias e a valorização do trabalho, antes inferiorizado e deixado apenas aos servos e escravos. Outra novidade deste projeto burguês em consolidação é a convergência de teoria e prática. (BORNHEIM, 1992).

Neste sentido, a Filosofia Moderna ilumina toda a edificação burguesa e contribui decisivamente para a formação do capitalismo. A exemplo disto, vemos no século XVI, o avanço extraordinário da navegação comercial e a fundação do primeiro banco para empréstimo e empreendimentos, além da gênese da contabilidade

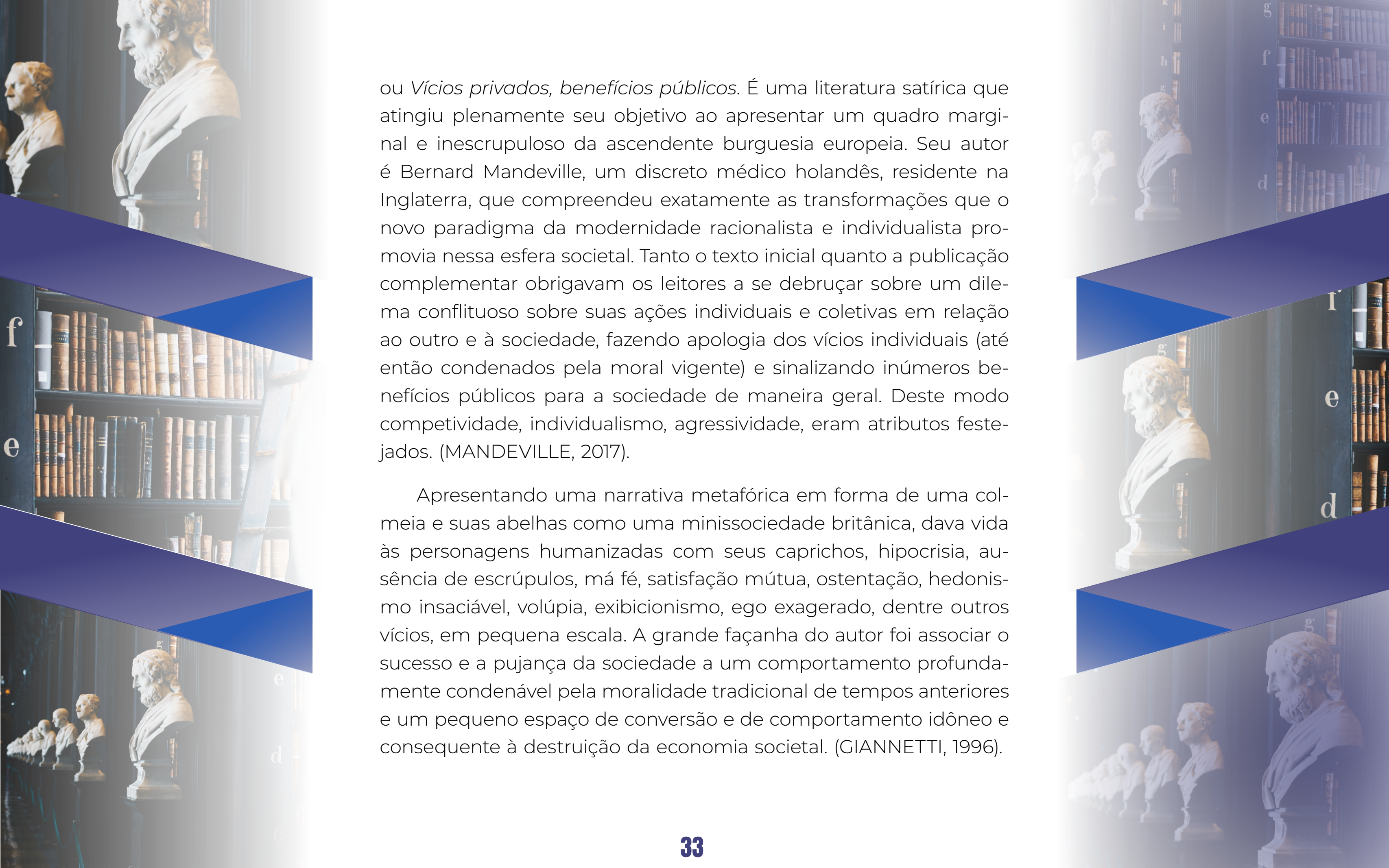


e a popularização de crédito e débito. Uma sociedade calculável e matematizável nascia, trazendo para o mundo popular além do progresso econômico, uma das maiores perversidades da humanidade, a saber: o dinheiro como fim em si mesmo. (BORNHEIM, 1992).

Com o propósito de contribuir para maior aprofundamento da importância do pensamento moderno e suas implicações no mundo contemporâneo, assista esta importante contribuição do Professor Júlio César Pompeu. Acesse o vídeo abaixo.

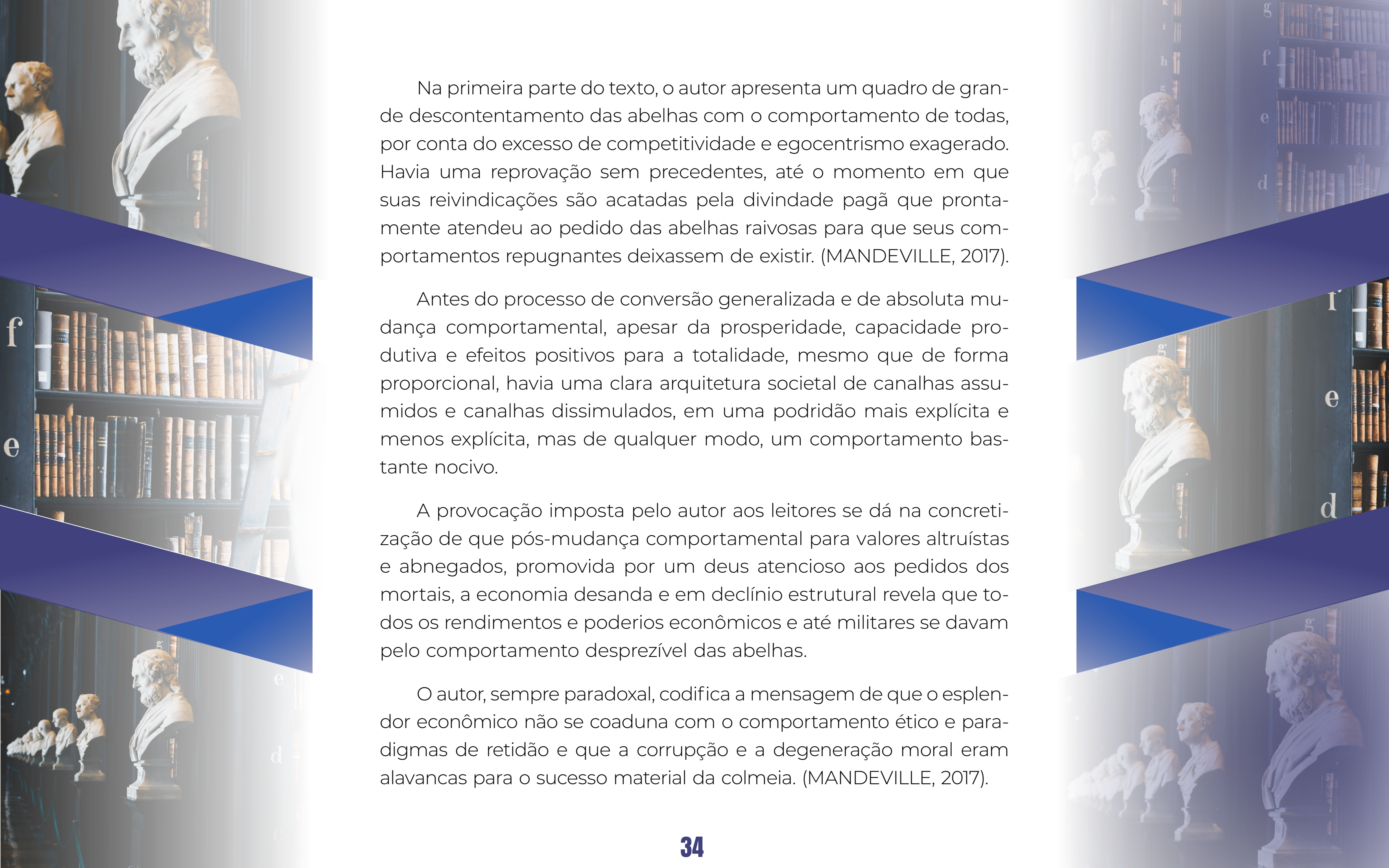
Café Filosófico: O pensamento moderno e a interpretação da crise na sociedade contemporânea

No início do século XVIII, um poema anônimo intitulado *A colmeia ruidosa ou canalhas feito honestos*, expressava claramente os efeitos da nova modernidade no seio da sociedade europeia. Seu autor, um tanto desconhecido, inicialmente passou despercebido, embora tenha deixado claro o recado pedagógico do egoísmo ético e suas vantagens em uma sociedade competitiva em oposição à ética da antiguidade e da Idade Média. Décadas anteriores, Nicolau Maquiavel em *O Príncipe* já havia escancarado a ausência ética como algo positivo para a classe política emergente. Em uma linguagem bastante representativa, o texto é incorporado, anos depois, em um trabalho mais robusto em um ensaio intitulado *A origem da virtude moral*, sendo popularmente conhecido como *A fábula das abelhas*



ou *Vícios privados, benefícios públicos*. É uma literatura satírica que atingiu plenamente seu objetivo ao apresentar um quadro marginal e inescrupuloso da ascendente burguesia europeia. Seu autor é Bernard Mandeville, um discreto médico holandês, residente na Inglaterra, que compreendeu exatamente as transformações que o novo paradigma da modernidade racionalista e individualista promovia nessa esfera societal. Tanto o texto inicial quanto a publicação complementar obrigavam os leitores a se debruçar sobre um dilema conflituoso sobre suas ações individuais e coletivas em relação ao outro e à sociedade, fazendo apologia dos vícios individuais (até então condenados pela moral vigente) e sinalizando inúmeros benefícios públicos para a sociedade de maneira geral. Deste modo competitividade, individualismo, agressividade, eram atributos festejados. (MANDEVILLE, 2017).

Apresentando uma narrativa metafórica em forma de uma colmeia e suas abelhas como uma minissociedade britânica, dava vida às personagens humanizadas com seus caprichos, hipocrisia, ausência de escrúpulos, má fé, satisfação mútua, ostentação, hedonismo insaciável, volúpia, exibicionismo, ego exagerado, dentre outros vícios, em pequena escala. A grande façanha do autor foi associar o sucesso e a pujança da sociedade a um comportamento profundamente condenável pela moralidade tradicional de tempos anteriores e um pequeno espaço de conversão e de comportamento idôneo e conseqüente à destruição da economia societal. (GIANNETTI, 1996).




Na primeira parte do texto, o autor apresenta um quadro de grande descontentamento das abelhas com o comportamento de todas, por conta do excesso de competitividade e egocentrismo exagerado. Havia uma reprovação sem precedentes, até o momento em que suas reivindicações são acatadas pela divindade pagã que prontamente atendeu ao pedido das abelhas raivosas para que seus comportamentos repugnantes deixassem de existir. (MANDEVILLE, 2017).

Antes do processo de conversão generalizada e de absoluta mudança comportamental, apesar da prosperidade, capacidade produtiva e efeitos positivos para a totalidade, mesmo que de forma proporcional, havia uma clara arquitetura societal de canalhas assumidos e canalhas dissimulados, em uma podridão mais explícita e menos explícita, mas de qualquer modo, um comportamento bastante nocivo.

A provocação imposta pelo autor aos leitores se dá na concretização de que pós-mudança comportamental para valores altruístas e abnegados, promovida por um deus atencioso aos pedidos dos mortais, a economia desanda e em declínio estrutural revela que todos os rendimentos e poderios econômicos e até militares se davam pelo comportamento desprezível das abelhas.

O autor, sempre paradoxal, codifica a mensagem de que o esplendor econômico não se coaduna com o comportamento ético e paradigmas de retidão e que a corrupção e a degeneração moral eram alavancas para o sucesso material da colmeia. (MANDEVILLE, 2017).



Para maior aprofundamento sobre a contribuição de Bernard de Mandeville e a *Fábula das Abelhas*, recomendo dois vídeos complementares e um excelente texto de apoio do Professor Eduardo Giannetti. Vale a pena conferir.

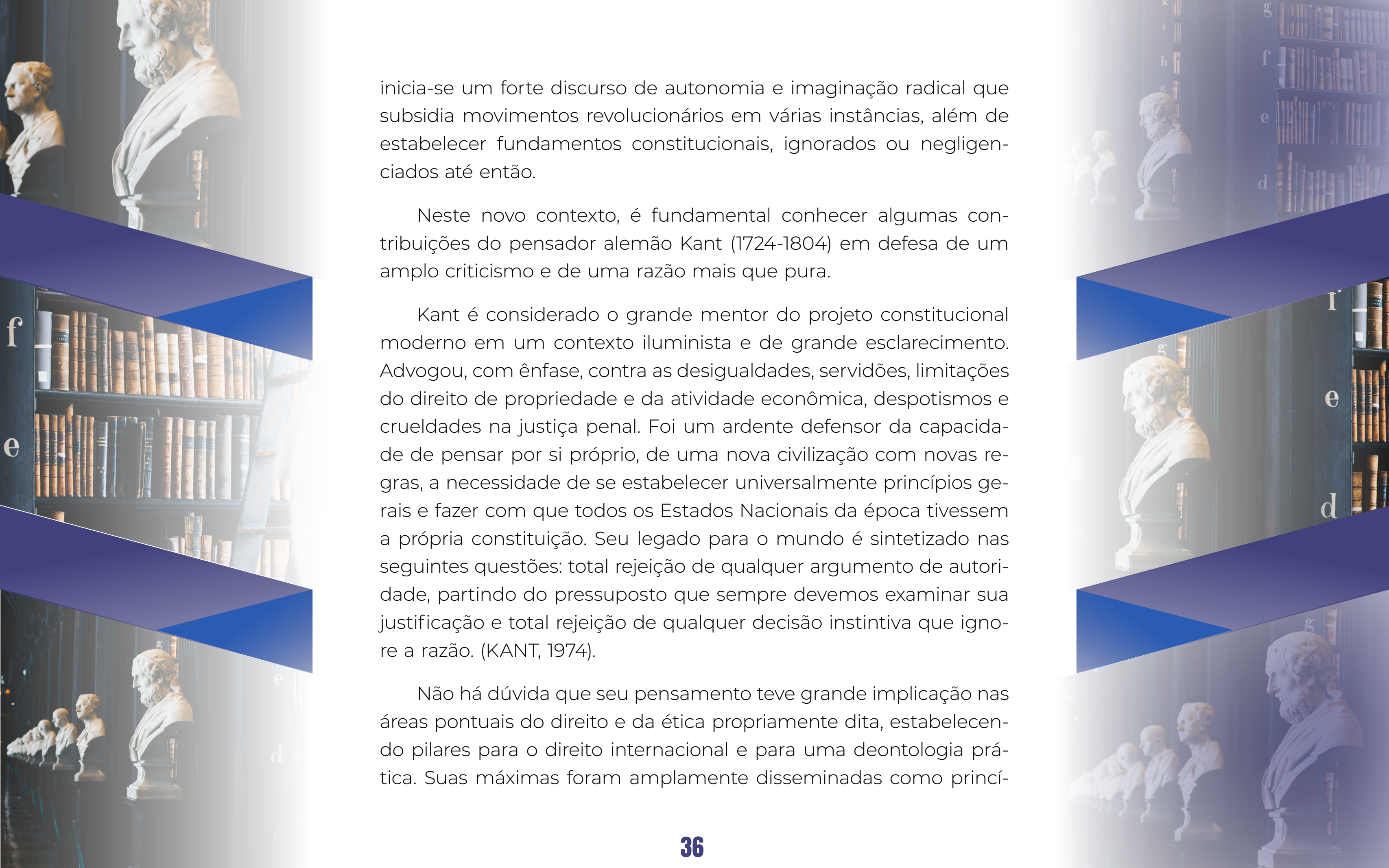
A relação da fábula das abelhas com a publicação de Adam Smith.

A fábula das abelhas

Jean-Pierre Lebrun - Vícios privados, virtudes públicas

Considerações de Eduardo Giannetti sobre A Fábula das Abelhas

Durante o processo de maturidade da Filosofia Moderna, abrindo frestas para a transição em direção à Filosofia Contemporânea, com um cenário econômico e político em direção ao liberalismo nascente, em uma clara defesa da liberdade individual e outras liberdades maiores como a liberdade religiosa, política e econômica,




inicia-se um forte discurso de autonomia e imaginação radical que subsidia movimentos revolucionários em várias instâncias, além de estabelecer fundamentos constitucionais, ignorados ou negligenciados até então.

Neste novo contexto, é fundamental conhecer algumas contribuições do pensador alemão Kant (1724-1804) em defesa de um amplo criticismo e de uma razão mais que pura.

Kant é considerado o grande mentor do projeto constitucional moderno em um contexto iluminista e de grande esclarecimento. Advogou, com ênfase, contra as desigualdades, servidões, limitações do direito de propriedade e da atividade econômica, despotismos e crueldades na justiça penal. Foi um ardente defensor da capacidade de pensar por si próprio, de uma nova civilização com novas regras, a necessidade de se estabelecer universalmente princípios gerais e fazer com que todos os Estados Nacionais da época tivessem a própria constituição. Seu legado para o mundo é sintetizado nas seguintes questões: total rejeição de qualquer argumento de autoridade, partindo do pressuposto que sempre devemos examinar sua justificação e total rejeição de qualquer decisão instintiva que ignore a razão. (KANT, 1974).

Não há dúvida que seu pensamento teve grande implicação nas áreas pontuais do direito e da ética propriamente dita, estabelecendo pilares para o direito internacional e para uma deontologia prática. Suas máximas foram amplamente disseminadas como princí-

The background of the page is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several classical marble busts of men, likely philosophers or historical figures, arranged on a surface. The overall color scheme is dark blue and black, with white text and decorative blue geometric shapes.

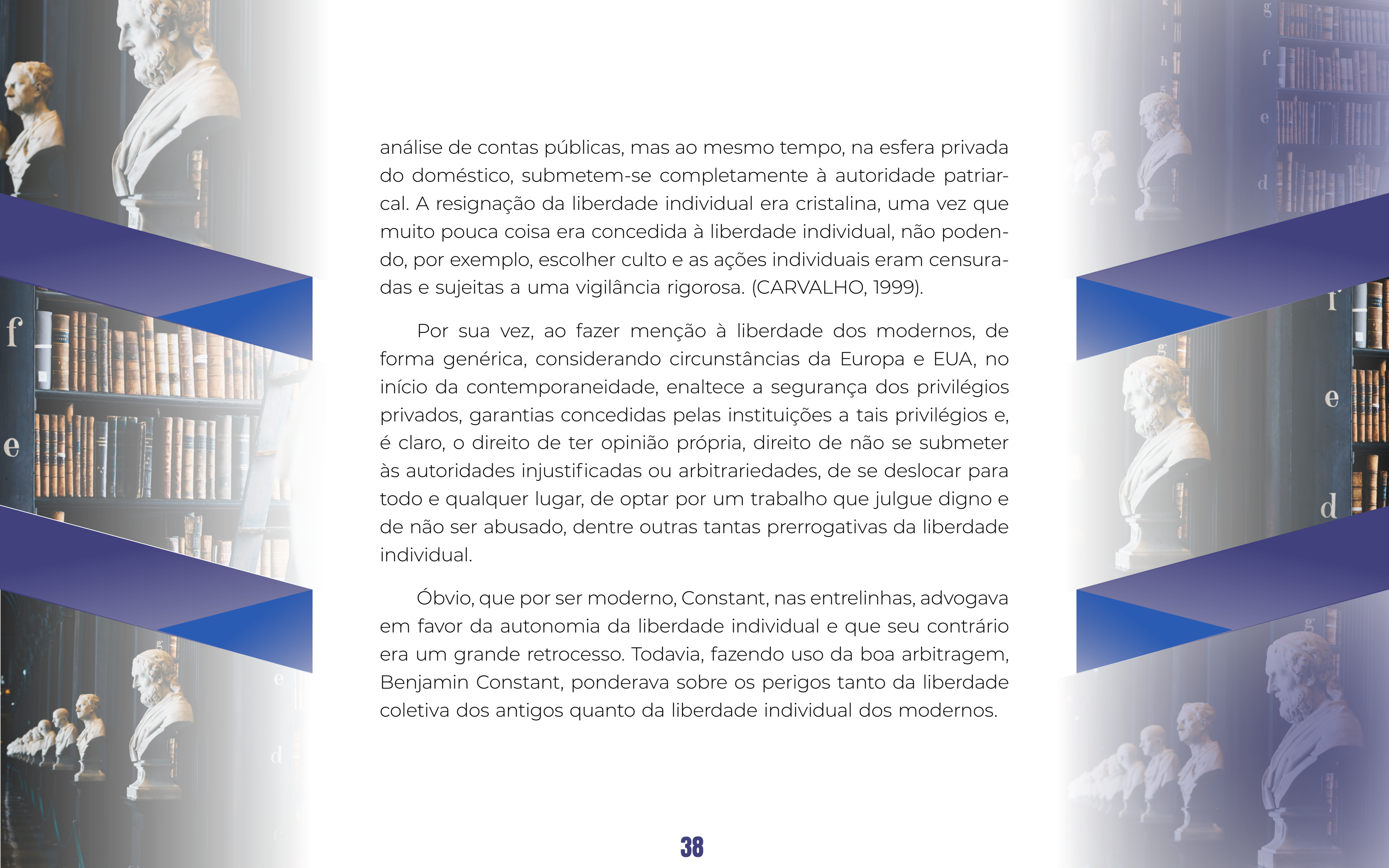
pios éticos universais imperativos na defesa de condutas individuais e coletivas que pudessem se transformar em leis universais. Assim, expressões como aja desinteressadamente e decida com imparcialidade foram internalizadas pelas novas instituições contemporâneas.

Ainda neste contexto e avançando na praticidade do conceito de liberdade, bastante difundido à época, merece uma atenção especial a publicação do francês Benjamin Constant sobre a distinção da liberdade dos antigos e liberdade dos modernos, expressando conjecturas do debate sobre a aplicabilidade do conceito de liberdade. (CONSTANT, 1985).

O mérito do autor foi o de comparar liberdades coletivas da antiguidade com o novo paradigma de liberdade individual no início da contemporaneidade. (CONSTANT, 1985).

Em um texto claramente dialético, cujo objetivo era apresentar aos leitores pontos positivos tanto da liberdade coletiva dos antigos quanto da liberdade individual dos modernos, com vantagens e desvantagens de ambos os períodos, mesmo que a partir da modernidade, Constant conclui que o excesso de cada tipologia de liberdade é nocivo para os seres humanos e suas instituições.


Tendo em seu imaginário, ao fazer menção à liberdade dos antigos, povos gregos da antiguidade, enaltece-lhes as virtudes cívicas como deliberar em praça pública questões relevantes para a segurança da cidade, tratados de aliança, gestão dos agentes públicos,



análise de contas públicas, mas ao mesmo tempo, na esfera privada do doméstico, submetem-se completamente à autoridade patriarcal. A resignação da liberdade individual era cristalina, uma vez que muito pouca coisa era concedida à liberdade individual, não podendo, por exemplo, escolher culto e as ações individuais eram censuradas e sujeitas a uma vigilância rigorosa. (CARVALHO, 1999).

Por sua vez, ao fazer menção à liberdade dos modernos, de forma genérica, considerando circunstâncias da Europa e EUA, no início da contemporaneidade, enaltece a segurança dos privilégios privados, garantias concedidas pelas instituições a tais privilégios e, é claro, o direito de ter opinião própria, direito de não se submeter às autoridades injustificadas ou arbitrariedades, de se deslocar para todo e qualquer lugar, de optar por um trabalho que julgue digno e de não ser abusado, dentre outras tantas prerrogativas da liberdade individual.

Óbvio, que por ser moderno, Constant, nas entrelinhas, advogava em favor da autonomia da liberdade individual e que seu contrário era um grande retrocesso. Todavia, fazendo uso da boa arbitragem, Benjamin Constant, ponderava sobre os perigos tanto da liberdade coletiva dos antigos quanto da liberdade individual dos modernos.



Para ele, o problema da liberdade dos antigos residia no fato de privilegiar tão somente a participação em questões coletivas, sem, contudo, interessar-se ou permitir possibilidades com os direitos e garantias privadas no âmbito da individualidade. Do mesmo modo, via na liberdade dos modernos, a sobreposição total da independência privada em relação aos direitos sociais, políticos e coletivos. (CONSTANT, 1985).

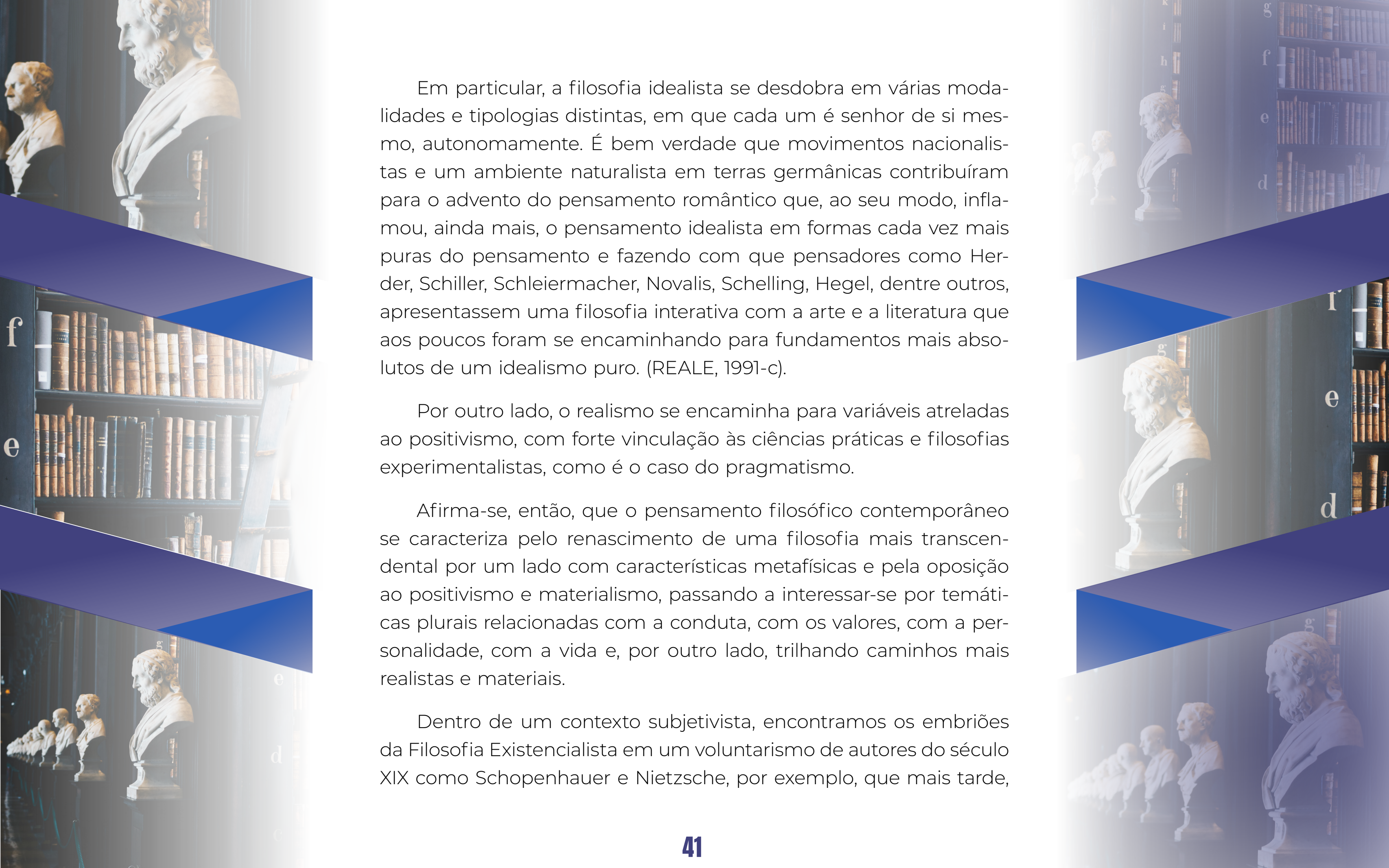
Para maior aprofundamento, compartilho o texto de Benjamin Constant intitulado *A liberdade dos antigos e dos modernos*.

Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos

5. O advento da filosofia contemporânea

Não é tarefa simples encontrar exatamente a transição da Filosofia Moderna para a filosofia contemporânea. Mesmo assim, é possível encontrar em alguns textos de Kant elementos que, gradativamente, cristalizaram-se na filosofia contemporânea. Historiadores da filosofia avaliam que Kant abriu brechas para interpretações mais idealistas por um lado e mais realistas, de outro. A dicotomia entre sujeito e objeto e entre o intelectualivo e o sensível, permitiu aos seus primeiros leitores direcionamentos distintos seja na maior valorização de elementos idealistas ou realistas. Dito de outra forma, Kant apresentou uma abertura aos seus herdeiros, permitindo direcionamentos e orientações à atividade filosófica entre a coisa em si e o sujeito que pensou a coisa. Assim, no período denominado pós-Kant os estudiosos da filosofia tiveram a faculdade de inclinar-se à tendências especulativas do pensamento, seja negando objetividade ao sujeito ou negando objetividade ao conhecimento.

Como resultado desta reflexão kantiana entre sensibilidade e razão, de caso pensado, na separação kantiana da capacidade de conhecimento surgiram muitas possibilidades que se transformaram, gradativamente em diversas correntes filosóficas mais próximas do idealismo (filosofias espiritualistas) e outras mais próximas do realismo (filosofia positivista). (ABBAGNANO, 2001).

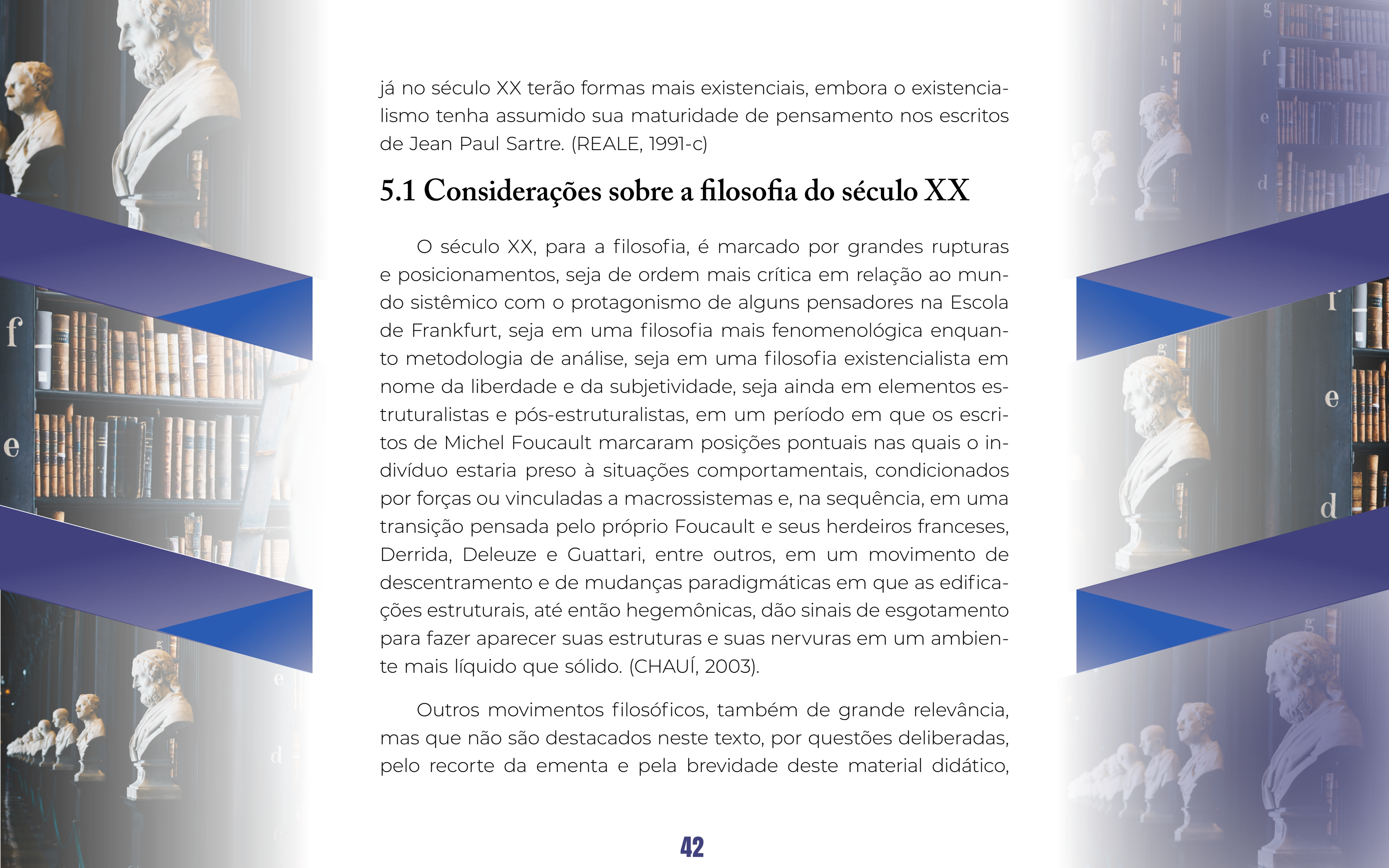


Em particular, a filosofia idealista se desdobra em várias modalidades e tipologias distintas, em que cada um é senhor de si mesmo, autonomamente. É bem verdade que movimentos nacionalistas e um ambiente naturalista em terras germânicas contribuíram para o advento do pensamento romântico que, ao seu modo, inflamou, ainda mais, o pensamento idealista em formas cada vez mais puras do pensamento e fazendo com que pensadores como Herder, Schiller, Schleiermacher, Novalis, Schelling, Hegel, dentre outros, apresentassem uma filosofia interativa com a arte e a literatura que aos poucos foram se encaminhando para fundamentos mais absolutos de um idealismo puro. (REALE, 1991-c).

Por outro lado, o realismo se encaminha para variáveis atreladas ao positivismo, com forte vinculação às ciências práticas e filosofias experimentalistas, como é o caso do pragmatismo.

Afirma-se, então, que o pensamento filosófico contemporâneo se caracteriza pelo renascimento de uma filosofia mais transcendental por um lado com características metafísicas e pela oposição ao positivismo e materialismo, passando a interessar-se por temáticas plurais relacionadas com a conduta, com os valores, com a personalidade, com a vida e, por outro lado, trilhando caminhos mais realistas e materiais.

Dentro de um contexto subjetivista, encontramos os embriões da Filosofia Existencialista em um voluntarismo de autores do século XIX como Schopenhauer e Nietzsche, por exemplo, que mais tarde,

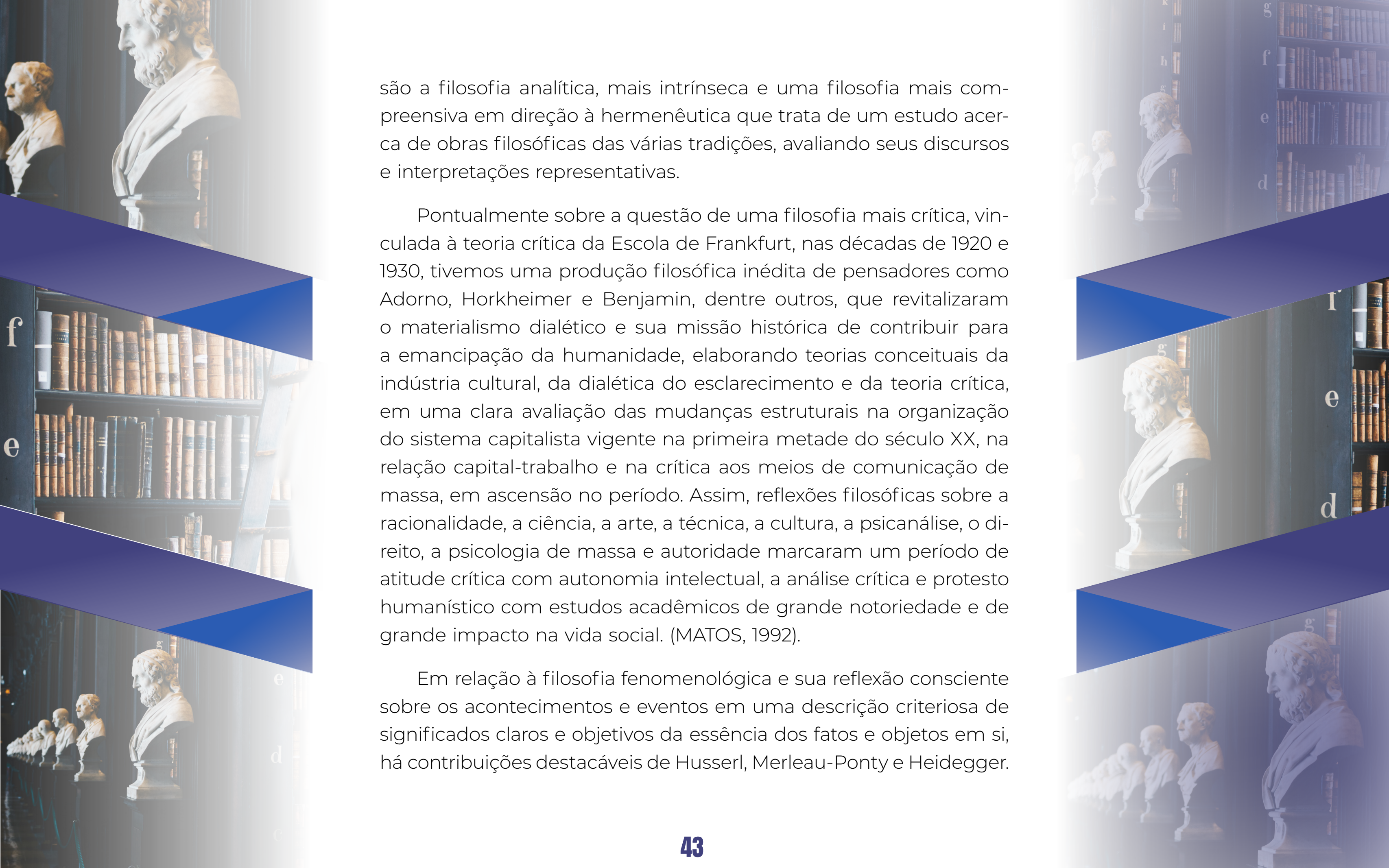


já no século XX terão formas mais existenciais, embora o existencialismo tenha assumido sua maturidade de pensamento nos escritos de Jean Paul Sartre. (REALE, 1991-c)

5.1 Considerações sobre a filosofia do século XX

O século XX, para a filosofia, é marcado por grandes rupturas e posicionamentos, seja de ordem mais crítica em relação ao mundo sistêmico com o protagonismo de alguns pensadores na Escola de Frankfurt, seja em uma filosofia mais fenomenológica enquanto metodologia de análise, seja em uma filosofia existencialista em nome da liberdade e da subjetividade, seja ainda em elementos estruturalistas e pós-estruturalistas, em um período em que os escritos de Michel Foucault marcaram posições pontuais nas quais o indivíduo estaria preso às situações comportamentais, condicionados por forças ou vinculadas a macrossistemas e, na sequência, em uma transição pensada pelo próprio Foucault e seus herdeiros franceses, Derrida, Deleuze e Guattari, entre outros, em um movimento de descentramento e de mudanças paradigmáticas em que as edificações estruturais, até então hegemônicas, dão sinais de esgotamento para fazer aparecer suas estruturas e suas nervuras em um ambiente mais líquido que sólido. (CHAUÍ, 2003).

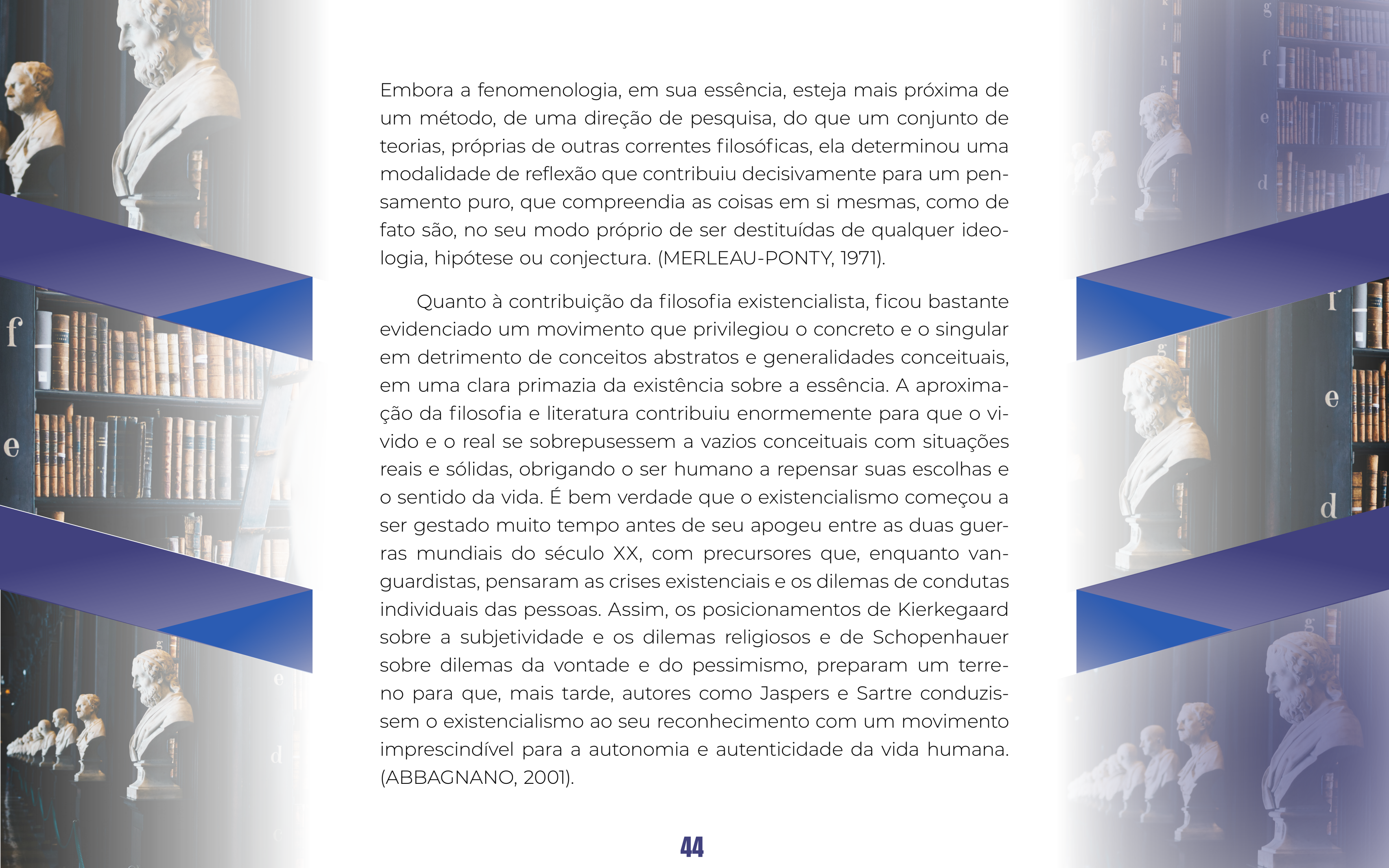
Outros movimentos filosóficos, também de grande relevância, mas que não são destacados neste texto, por questões deliberadas, pelo recorte da ementa e pela brevidade deste material didático,

The background of the page is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several white marble busts of philosophers, including one of Aristotle, arranged on a dark surface. The overall color scheme is blue and white, with a diagonal blue band crossing the page.

são a filosofia analítica, mais intrínseca e uma filosofia mais compreensiva em direção à hermenêutica que trata de um estudo acerca de obras filosóficas das várias tradições, avaliando seus discursos e interpretações representativas.


Pontualmente sobre a questão de uma filosofia mais crítica, vinculada à teoria crítica da Escola de Frankfurt, nas décadas de 1920 e 1930, tivemos uma produção filosófica inédita de pensadores como Adorno, Horkheimer e Benjamin, dentre outros, que revitalizaram o materialismo dialético e sua missão histórica de contribuir para a emancipação da humanidade, elaborando teorias conceituais da indústria cultural, da dialética do esclarecimento e da teoria crítica, em uma clara avaliação das mudanças estruturais na organização do sistema capitalista vigente na primeira metade do século XX, na relação capital-trabalho e na crítica aos meios de comunicação de massa, em ascensão no período. Assim, reflexões filosóficas sobre a racionalidade, a ciência, a arte, a técnica, a cultura, a psicanálise, o direito, a psicologia de massa e autoridade marcaram um período de atitude crítica com autonomia intelectual, a análise crítica e protesto humanístico com estudos acadêmicos de grande notoriedade e de grande impacto na vida social. (MATOS, 1992).

Em relação à filosofia fenomenológica e sua reflexão consciente sobre os acontecimentos e eventos em uma descrição criteriosa de significados claros e objetivos da essência dos fatos e objetos em si, há contribuições destacáveis de Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger.



Embora a fenomenologia, em sua essência, esteja mais próxima de um método, de uma direção de pesquisa, do que um conjunto de teorias, próprias de outras correntes filosóficas, ela determinou uma modalidade de reflexão que contribuiu decisivamente para um pensamento puro, que compreendia as coisas em si mesmas, como de fato são, no seu modo próprio de ser destituídas de qualquer ideologia, hipótese ou conjectura. (MERLEAU-PONTY, 1971).

Quanto à contribuição da filosofia existencialista, ficou bastante evidenciado um movimento que privilegiou o concreto e o singular em detrimento de conceitos abstratos e generalidades conceituais, em uma clara primazia da existência sobre a essência. A aproximação da filosofia e literatura contribuiu enormemente para que o vivido e o real se sobrepusessem a vazios conceituais com situações reais e sólidas, obrigando o ser humano a repensar suas escolhas e o sentido da vida. É bem verdade que o existencialismo começou a ser gestado muito tempo antes de seu apogeu entre as duas guerras mundiais do século XX, com precursores que, enquanto vanguardistas, pensaram as crises existenciais e os dilemas de condutas individuais das pessoas. Assim, os posicionamentos de Kierkegaard sobre a subjetividade e os dilemas religiosos e de Schopenhauer sobre dilemas da vontade e do pessimismo, preparam um terreno para que, mais tarde, autores como Jaspers e Sartre conduzissem o existencialismo ao seu reconhecimento com um movimento imprescindível para a autonomia e autenticidade da vida humana. (ABBAGNANO, 2001).



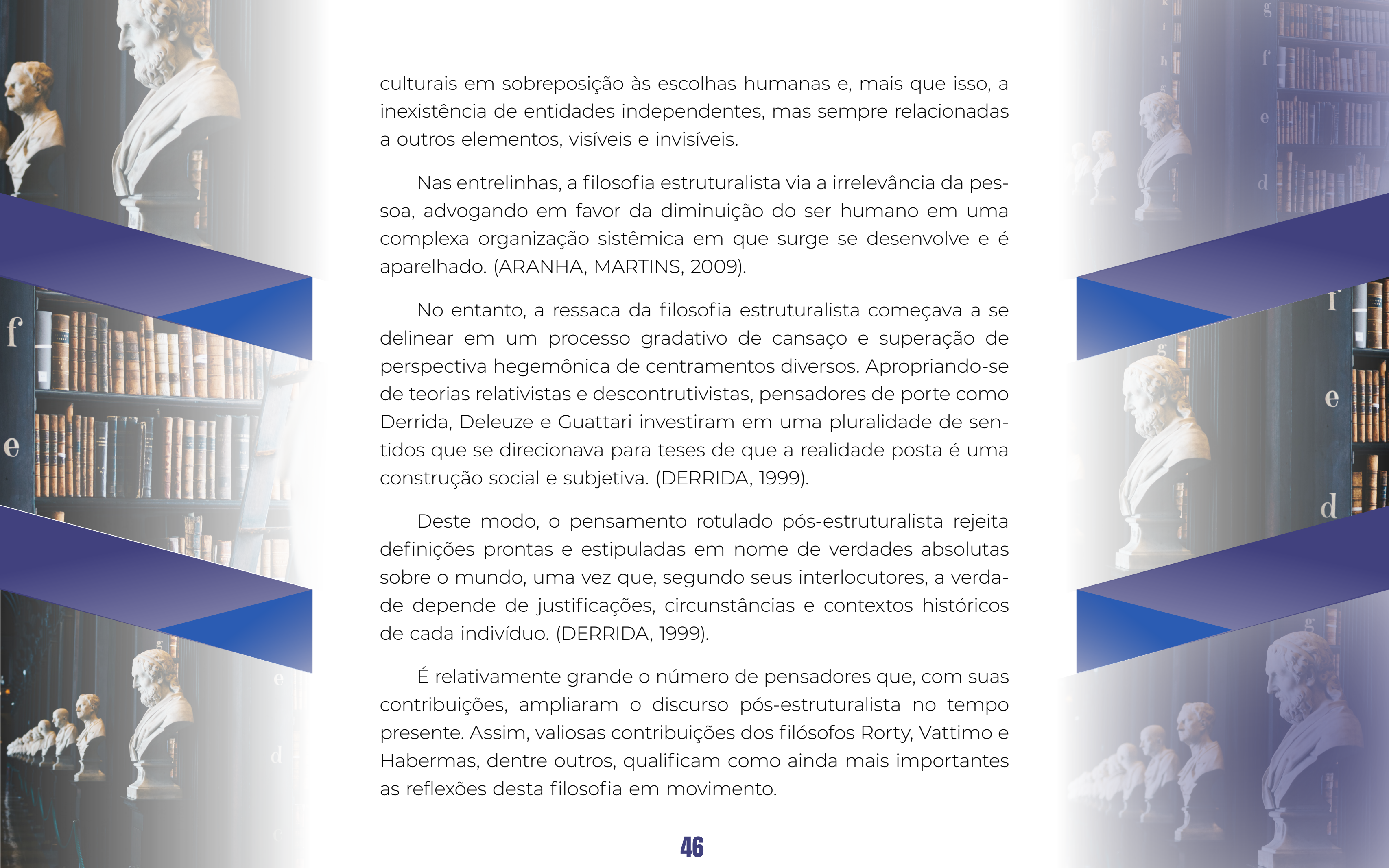
Coube a Sartre consolidar a necessidade do filosofar existencial, concebendo o homem como um projeto potencial, um ser aberto a muitas possibilidades e contingências, em que todas suas ações têm consequências expressas na consciência de si. Deste modo, temáticas como responsabilidade, angústia, liberdade, morte, solidão e crise existencial incorporam completamente o dia-dia das pessoas em busca permanente pelo real sentido da vida. (SARTRE, 1987).

Para conhecer um pouco mais o contexto histórico e a vida do filósofo existencialista, Sartre, recomendo dois materiais importantes, a saber:

Filosofia — Os amantes do café Flore, Sartre e Simone de Beauvoir

Jean Paul Sartre em desenhos

Enquanto Sartre pensava o ser humano como sujeito histórico, capaz de definir seu horizonte e seu amanhã, com escolhas próprias e autônomas, nascia um movimento antagônico intitulado estruturalismo sob a liderança do pensador francês Michel Foucault que, de forma clara e cristalina, pensava o homem em relação a um espaço teórico, institucional e político, em uma clara prática estruturalista. Foucault considerava estruturas inconscientes dos fenômenos

The background of the page is a composite image of a library. On the left, there are several classical busts of philosophers on a dark surface. In the center and right, there are tall bookshelves filled with books. The lighting is soft, creating a scholarly atmosphere. The text is overlaid on this background.

culturais em sobreposição às escolhas humanas e, mais que isso, a inexistência de entidades independentes, mas sempre relacionadas a outros elementos, visíveis e invisíveis.

Nas entrelinhas, a filosofia estruturalista via a irrelevância da pessoa, advogando em favor da diminuição do ser humano em uma complexa organização sistêmica em que surge se desenvolve e é aparelhado. (ARANHA, MARTINS, 2009).

No entanto, a ressaca da filosofia estruturalista começava a se delinear em um processo gradativo de cansaço e superação de perspectiva hegemônica de centramentos diversos. Apropriando-se de teorias relativistas e desconstrutivistas, pensadores de porte como Derrida, Deleuze e Guattari investiram em uma pluralidade de sentidos que se direcionava para teses de que a realidade posta é uma construção social e subjetiva. (DERRIDA, 1999).

Deste modo, o pensamento rotulado pós-estruturalista rejeita definições prontas e estipuladas em nome de verdades absolutas sobre o mundo, uma vez que, segundo seus interlocutores, a verdade depende de justificações, circunstâncias e contextos históricos de cada indivíduo. (DERRIDA, 1999).

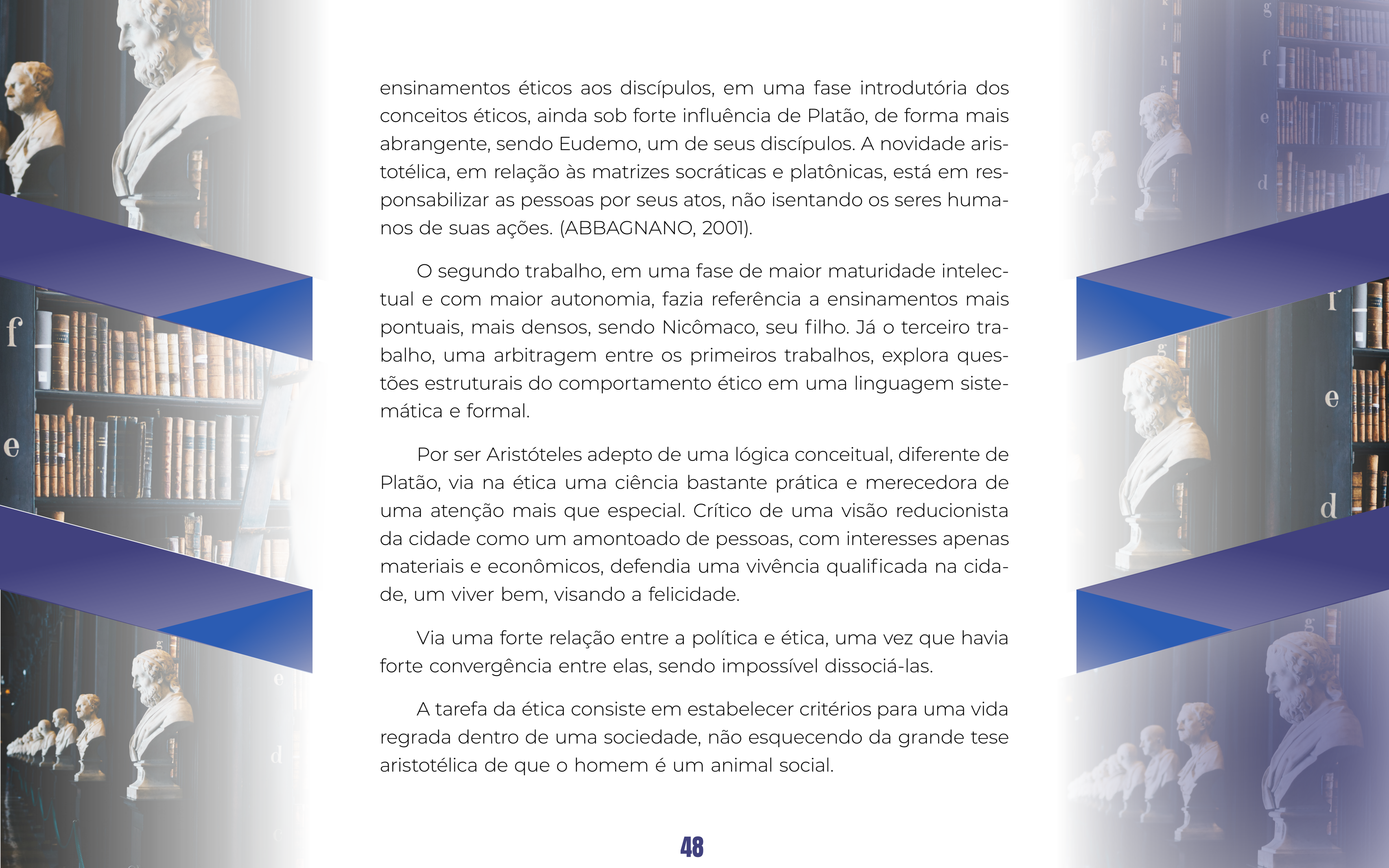
É relativamente grande o número de pensadores que, com suas contribuições, ampliaram o discurso pós-estruturalista no tempo presente. Assim, valiosas contribuições dos filósofos Rorty, Vattimo e Habermas, dentre outros, qualificam como ainda mais importantes as reflexões desta filosofia em movimento.

6. Apontamentos éticos

Apesar da primeira filosofia, intitulada de filosofia pré-socrática, não ter como objeto principal o interesse por questões éticas, coube ao período considerado socrático o protagonismo de ter-se debruçado sobre questões propriamente éticas. Diferente de outras civilizações, o mundo grego apresentou um cuidado especial com as consequências das ações tanto individuais quanto públicas para a humanidade, seja em um ambiente privado ou público. Para os gregos, as regras morais não vinham de cima para baixo, mas eram fruto de uma construção humana, dependendo da necessidade. A ética não era inata, mas um processo de aprendizado que exigia de todos, um esforço a mais. Dito de outra forma, não advinha da natureza, mas da potencialidade humana e sua capacidade de aperfeiçoamento constante.

Foi neste ambiente de abertura e autonomia que os gregos consideraram práticas de virtude e de vício, no difícil exercício de se encontrar o justo meio. De fato, era um aprendizado difícil, uma vez que ficava evidente uma forte preocupação com a vida individual e coletiva. Neste contexto, o pensador Aristóteles se destaca com seus ensinamentos, sendo a grande referência da matriz ética grega.

Sua contribuição não foi pequena, deixando reflexões éticas ainda hoje impactantes, a saber: *Ética a Eudemo*, *Ética a Nicômaco* e a *Grande Ética*. O primeiro trabalho fazia uma referência de seus



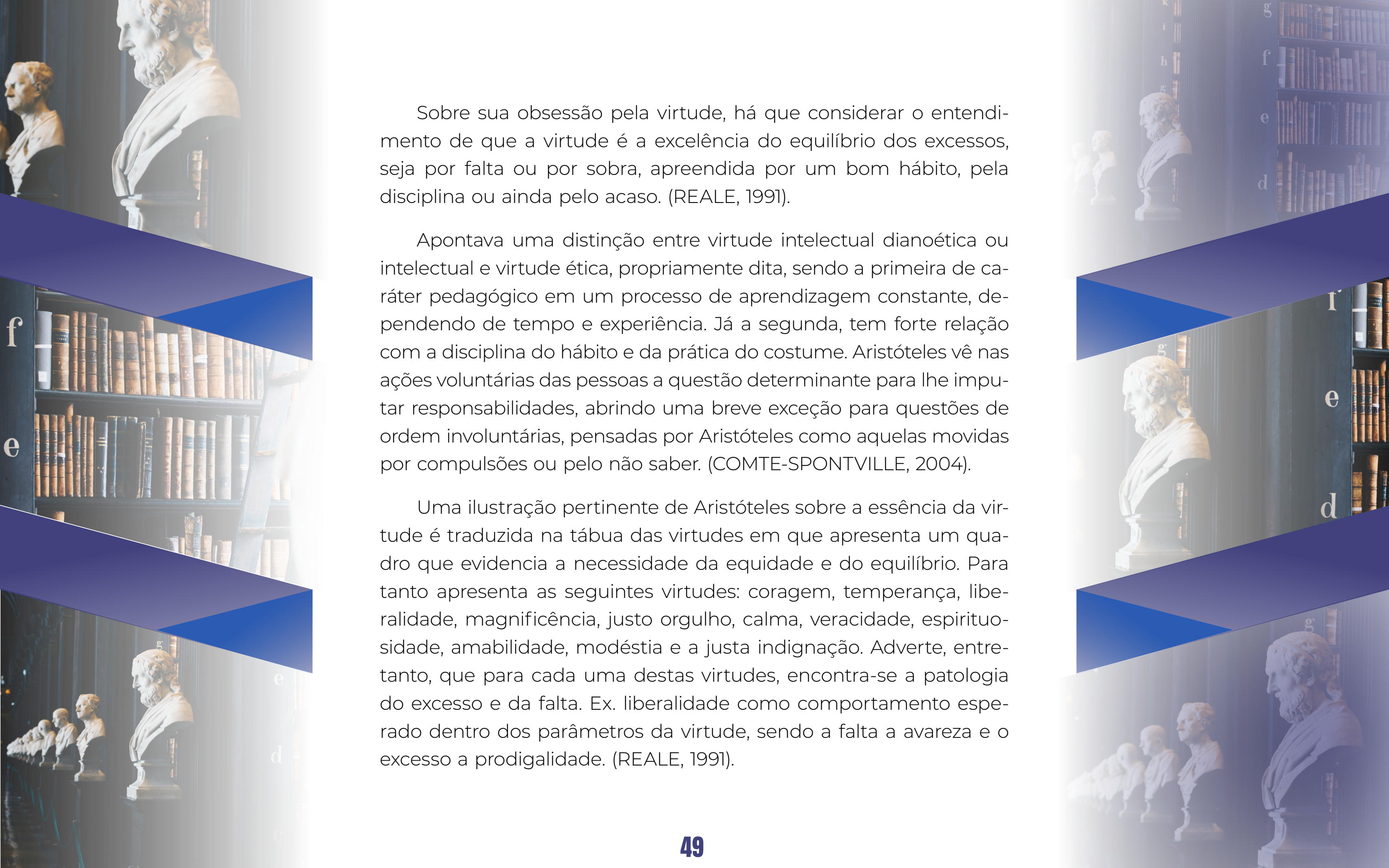
ensinamentos éticos aos discípulos, em uma fase introdutória dos conceitos éticos, ainda sob forte influência de Platão, de forma mais abrangente, sendo Eudemo, um de seus discípulos. A novidade aristotélica, em relação às matrizes socráticas e platônicas, está em responsabilizar as pessoas por seus atos, não isentando os seres humanos de suas ações. (ABBAGNANO, 2001).

O segundo trabalho, em uma fase de maior maturidade intelectual e com maior autonomia, fazia referência a ensinamentos mais pontuais, mais densos, sendo Nicômaco, seu filho. Já o terceiro trabalho, uma arbitragem entre os primeiros trabalhos, explora questões estruturais do comportamento ético em uma linguagem sistemática e formal.

Por ser Aristóteles adepto de uma lógica conceitual, diferente de Platão, via na ética uma ciência bastante prática e merecedora de uma atenção mais que especial. Crítico de uma visão reducionista da cidade como um amontoado de pessoas, com interesses apenas materiais e econômicos, defendia uma vivência qualificada na cidade, um viver bem, visando a felicidade.

Via uma forte relação entre a política e ética, uma vez que havia forte convergência entre elas, sendo impossível dissociá-las.


A tarefa da ética consiste em estabelecer critérios para uma vida regrada dentro de uma sociedade, não esquecendo da grande tese aristotélica de que o homem é um animal social.



Sobre sua obsessão pela virtude, há que considerar o entendimento de que a virtude é a excelência do equilíbrio dos excessos, seja por falta ou por sobra, apreendida por um bom hábito, pela disciplina ou ainda pelo acaso. (REALE, 1991).

Apontava uma distinção entre virtude intelectual dianoética ou intelectual e virtude ética, propriamente dita, sendo a primeira de caráter pedagógico em um processo de aprendizagem constante, dependendo de tempo e experiência. Já a segunda, tem forte relação com a disciplina do hábito e da prática do costume. Aristóteles vê nas ações voluntárias das pessoas a questão determinante para lhe imputar responsabilidades, abrindo uma breve exceção para questões de ordem involuntárias, pensadas por Aristóteles como aquelas movidas por compulsões ou pelo não saber. (COMTE-SPONTVILLE, 2004).

Uma ilustração pertinente de Aristóteles sobre a essência da virtude é traduzida na tábua das virtudes em que apresenta um quadro que evidencia a necessidade da equidade e do equilíbrio. Para tanto apresenta as seguintes virtudes: coragem, temperança, liberalidade, magnificência, justo orgulho, calma, veracidade, espiritualidade, amabilidade, modéstia e a justa indignação. Adverte, entretanto, que para cada uma destas virtudes, encontra-se a patologia do excesso e da falta. Ex. liberalidade como comportamento esperado dentro dos parâmetros da virtude, sendo a falta a avareza e o excesso a prodigalidade. (REALE, 1991).



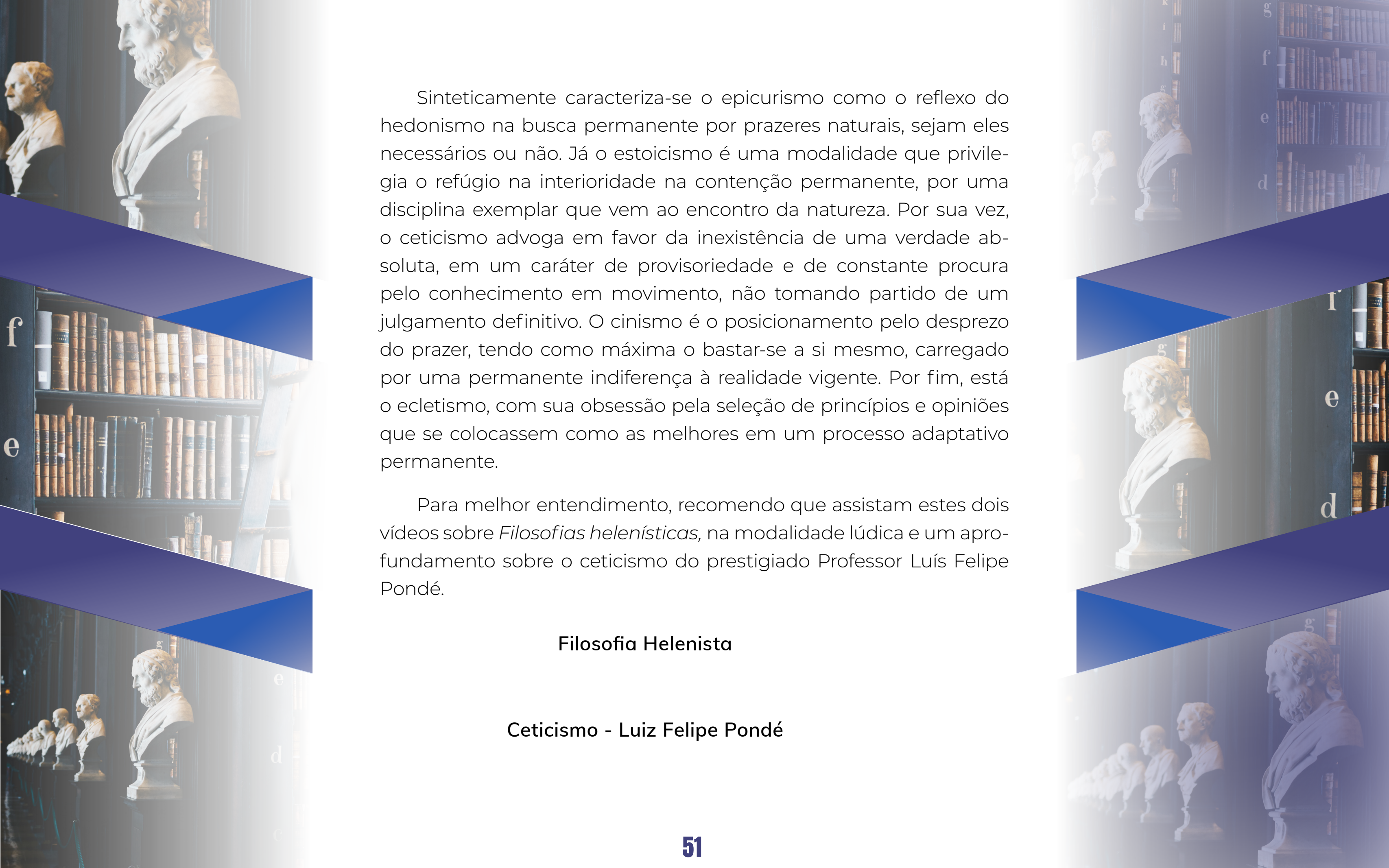
Para facilitar sua apreensão sobre os conteúdos problematizados acima recomendo que assistam ao vídeo do Professor Eduardo Wolf e leiam fragmentos da Tábua de virtudes de Aristóteles, em uma contribuição do Professor Antonio Paim do Instituto Humanidades.

BUSCA PELO BEM E ÉTICA A NICÔMACO | EDUARDO WOLF

Dicionário das Obras Básicas da Cultura Occidental - Ética a Nicômaco, de Aristóteles

É importante, em um contexto histórico, diferenciar as matrizes grega e romana, sendo a gênese grega uma reflexão mais teórica que problematiza valores, consciência e atributos do bem e do mal. Já a gênese romana, tem como referência os costumes e o modo de viver.

Passado o apogeu da hegemonia grega e o início do desmoronamento da centralidade das Pólis gregas, em favor de um Império Macedônio, avassalador, inicia-se a formação e consolidação de algumas escolas filosóficas que tratavam de algumas questões éticas. É o caso das Escolas denominadas epicuristas, estoicas, cétricas, cínicas e ecléticas, dentre outras. O homem grego, já sem autonomia política e econômica, submete-se a escolas singulares e circunstanciais, espalhadas por todo o oriente. (VERNANT, 1973).

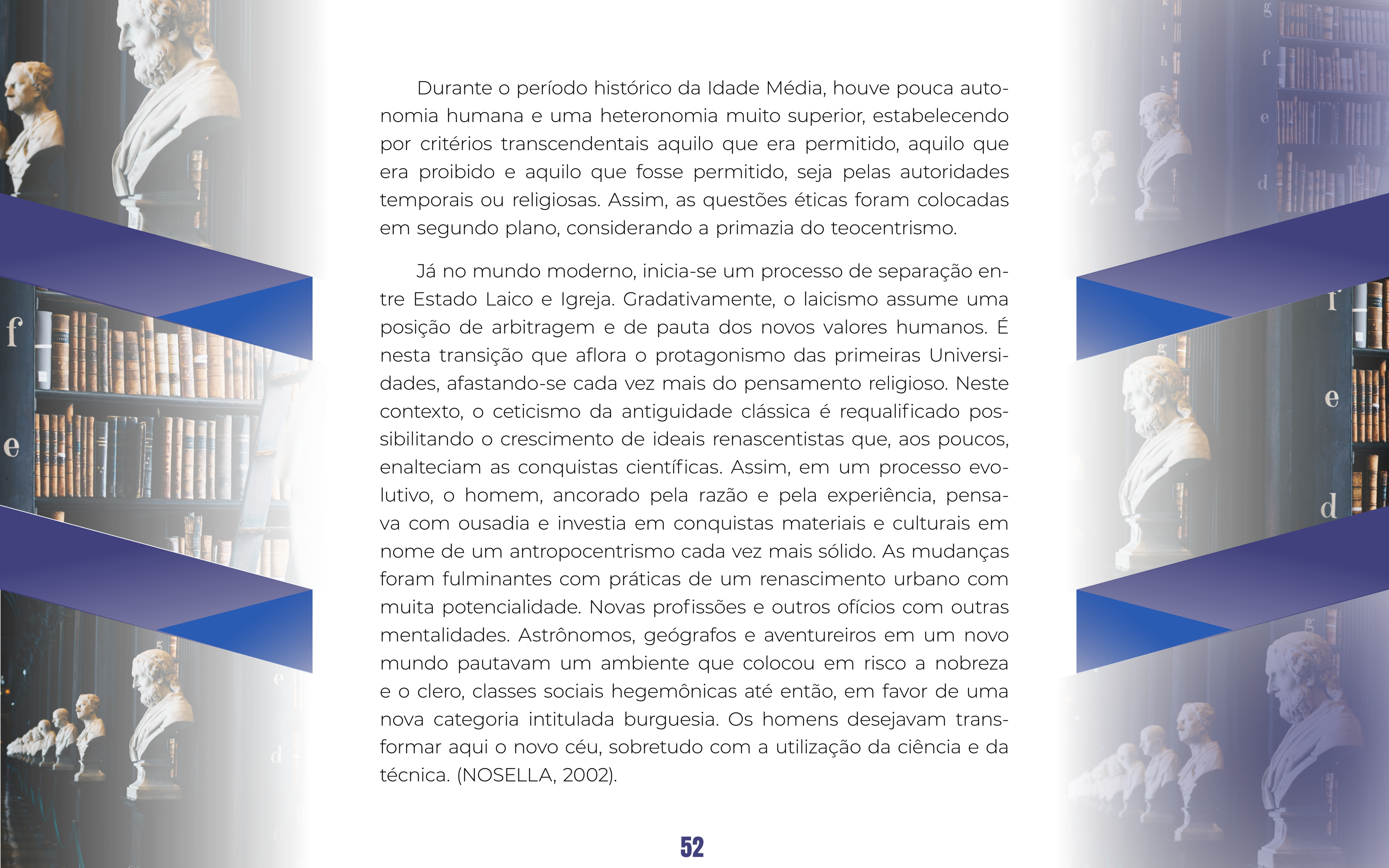
The background of the slide is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several classical marble busts of philosophers, including one of Plato, arranged on a dark surface. The overall color scheme is blue and white, with a diagonal blue band running across the middle of the page.

Sinteticamente caracteriza-se o epicurismo como o reflexo do hedonismo na busca permanente por prazeres naturais, sejam eles necessários ou não. Já o estoicismo é uma modalidade que privilegia o refúgio na interioridade na contenção permanente, por uma disciplina exemplar que vem ao encontro da natureza. Por sua vez, o ceticismo advoga em favor da inexistência de uma verdade absoluta, em um caráter de provisoriedade e de constante procura pelo conhecimento em movimento, não tomando partido de um julgamento definitivo. O cinismo é o posicionamento pelo desprezo do prazer, tendo como máxima o bastar-se a si mesmo, carregado por uma permanente indiferença à realidade vigente. Por fim, está o ecletismo, com sua obsessão pela seleção de princípios e opiniões que se colocassem como as melhores em um processo adaptativo permanente.

Para melhor entendimento, recomendo que assistam estes dois vídeos sobre *Filosofias helenísticas*, na modalidade lúdica e um aprofundamento sobre o ceticismo do prestigiado Professor Luís Felipe Pondé.

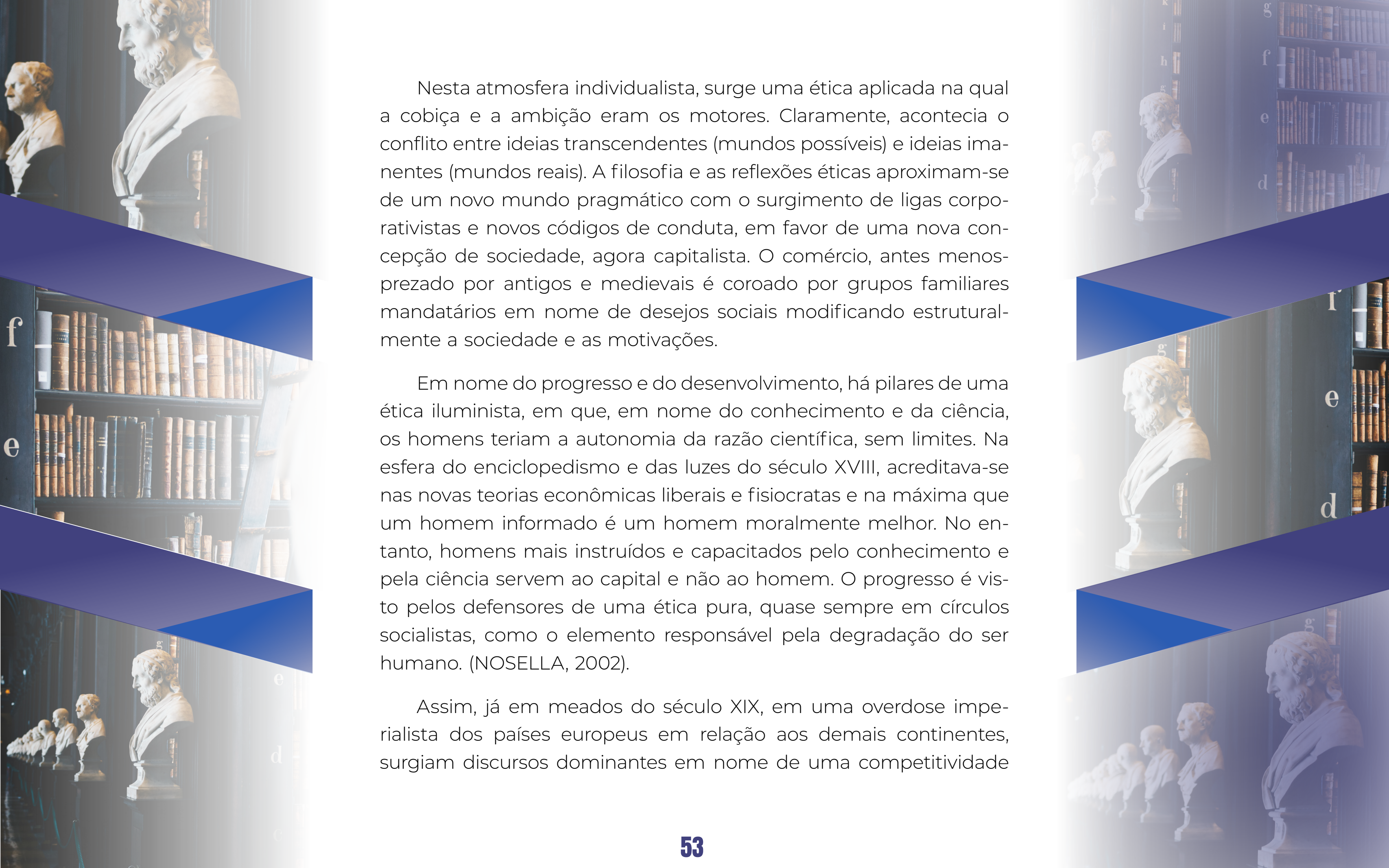
Filosofia Helenista

Ceticismo - Luiz Felipe Pondé

The background of the page is a composite image of a library. On the left, there are bookshelves filled with books, with a wooden ladder leaning against them. On the right, there are several classical marble busts of men, likely philosophers or scholars, arranged on a surface. The overall color scheme is a mix of dark blues, greys, and the warm tones of the books and marble.

Durante o período histórico da Idade Média, houve pouca autonomia humana e uma heteronomia muito superior, estabelecendo por critérios transcendentais aquilo que era permitido, aquilo que era proibido e aquilo que fosse permitido, seja pelas autoridades temporais ou religiosas. Assim, as questões éticas foram colocadas em segundo plano, considerando a primazia do teocentrismo.

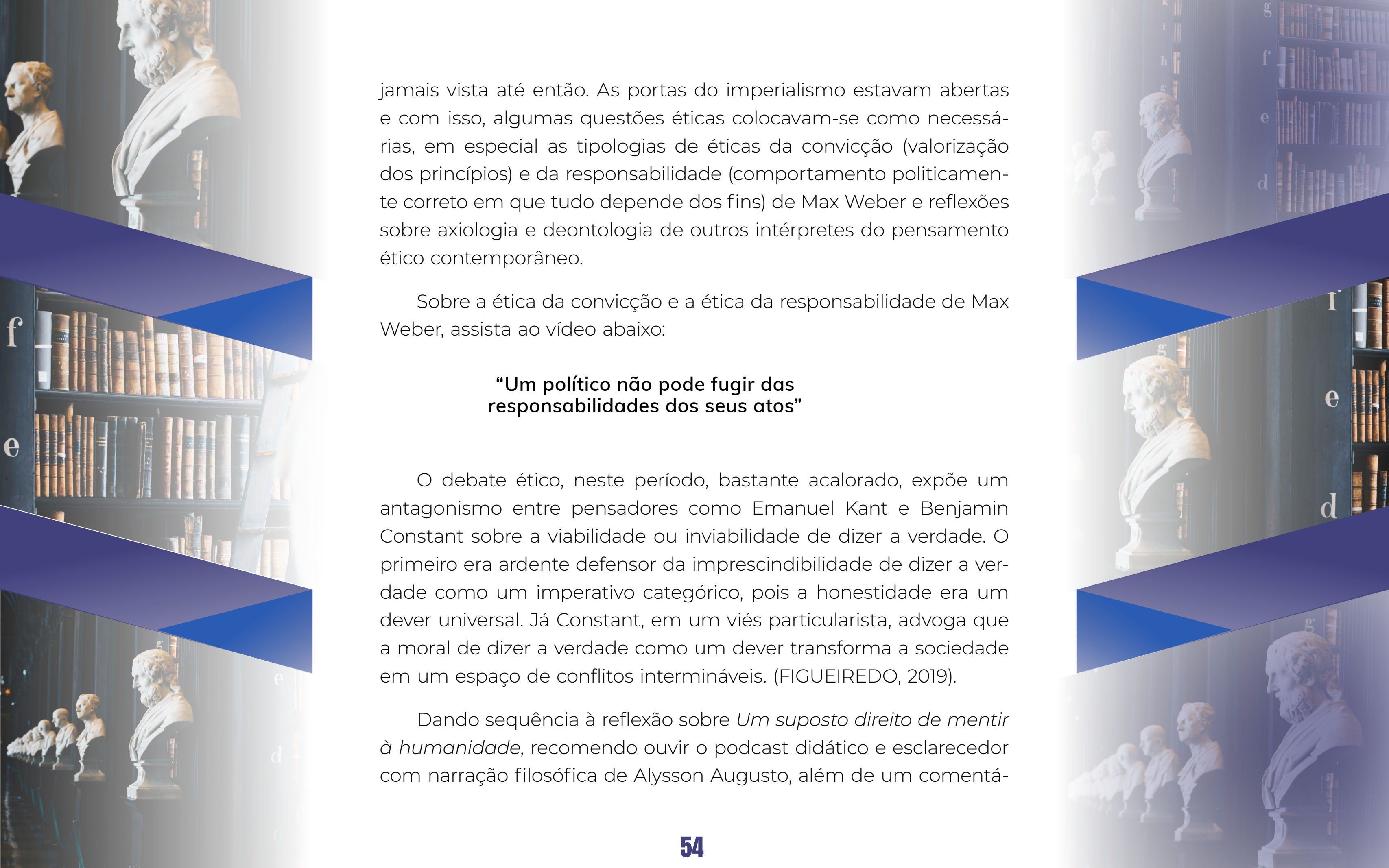
Já no mundo moderno, inicia-se um processo de separação entre Estado Laico e Igreja. Gradativamente, o laicismo assume uma posição de arbitragem e de pauta dos novos valores humanos. É nesta transição que aflora o protagonismo das primeiras Universidades, afastando-se cada vez mais do pensamento religioso. Neste contexto, o ceticismo da antiguidade clássica é requalificado possibilitando o crescimento de ideais renascentistas que, aos poucos, enalteciam as conquistas científicas. Assim, em um processo evolutivo, o homem, ancorado pela razão e pela experiência, pensava com ousadia e investia em conquistas materiais e culturais em nome de um antropocentrismo cada vez mais sólido. As mudanças foram fulminantes com práticas de um renascimento urbano com muita potencialidade. Novas profissões e outros ofícios com outras mentalidades. Astrônomos, geógrafos e aventureiros em um novo mundo pautavam um ambiente que colocou em risco a nobreza e o clero, classes sociais hegemônicas até então, em favor de uma nova categoria intitulada burguesia. Os homens desejavam transformar aqui o novo céu, sobretudo com a utilização da ciência e da técnica. (NOSELLA, 2002).



Nesta atmosfera individualista, surge uma ética aplicada na qual a cobiça e a ambição eram os motores. Claramente, acontecia o conflito entre ideias transcendentais (mundos possíveis) e ideias iminentes (mundos reais). A filosofia e as reflexões éticas aproximam-se de um novo mundo pragmático com o surgimento de ligas corporativistas e novos códigos de conduta, em favor de uma nova concepção de sociedade, agora capitalista. O comércio, antes menosprezado por antigos e medievais é coroado por grupos familiares mandatários em nome de desejos sociais modificando estruturalmente a sociedade e as motivações.

Em nome do progresso e do desenvolvimento, há pilares de uma ética iluminista, em que, em nome do conhecimento e da ciência, os homens teriam a autonomia da razão científica, sem limites. Na esfera do enciclopedismo e das luzes do século XVIII, acreditava-se nas novas teorias econômicas liberais e fisiocratas e na máxima que um homem informado é um homem moralmente melhor. No entanto, homens mais instruídos e capacitados pelo conhecimento e pela ciência servem ao capital e não ao homem. O progresso é visto pelos defensores de uma ética pura, quase sempre em círculos socialistas, como o elemento responsável pela degradação do ser humano. (NOSELLA, 2002).

Assim, já em meados do século XIX, em uma overdose imperialista dos países europeus em relação aos demais continentes, surgiam discursos dominantes em nome de uma competitividade



jamais vista até então. As portas do imperialismo estavam abertas e com isso, algumas questões éticas colocavam-se como necessárias, em especial as tipologias de éticas da convicção (valorização dos princípios) e da responsabilidade (comportamento politicamente correto em que tudo depende dos fins) de Max Weber e reflexões sobre axiologia e deontologia de outros intérpretes do pensamento ético contemporâneo.

Sobre a ética da convicção e a ética da responsabilidade de Max Weber, assista ao vídeo abaixo:

“Um político não pode fugir das responsabilidades dos seus atos”

O debate ético, neste período, bastante acalorado, expõe um antagonismo entre pensadores como Emanuel Kant e Benjamin Constant sobre a viabilidade ou inviabilidade de dizer a verdade. O primeiro era ardente defensor da imprescindibilidade de dizer a verdade como um imperativo categórico, pois a honestidade era um dever universal. Já Constant, em um viés particularista, advoga que a moral de dizer a verdade como um dever transforma a sociedade em um espaço de conflitos intermináveis. (FIGUEIREDO, 2019).

Dando sequência à reflexão sobre *Um suposto direito de mentir à humanidade*, recomendo ouvir o podcast didático e esclarecedor com narração filosófica de Alysson Augusto, além de um comentá-

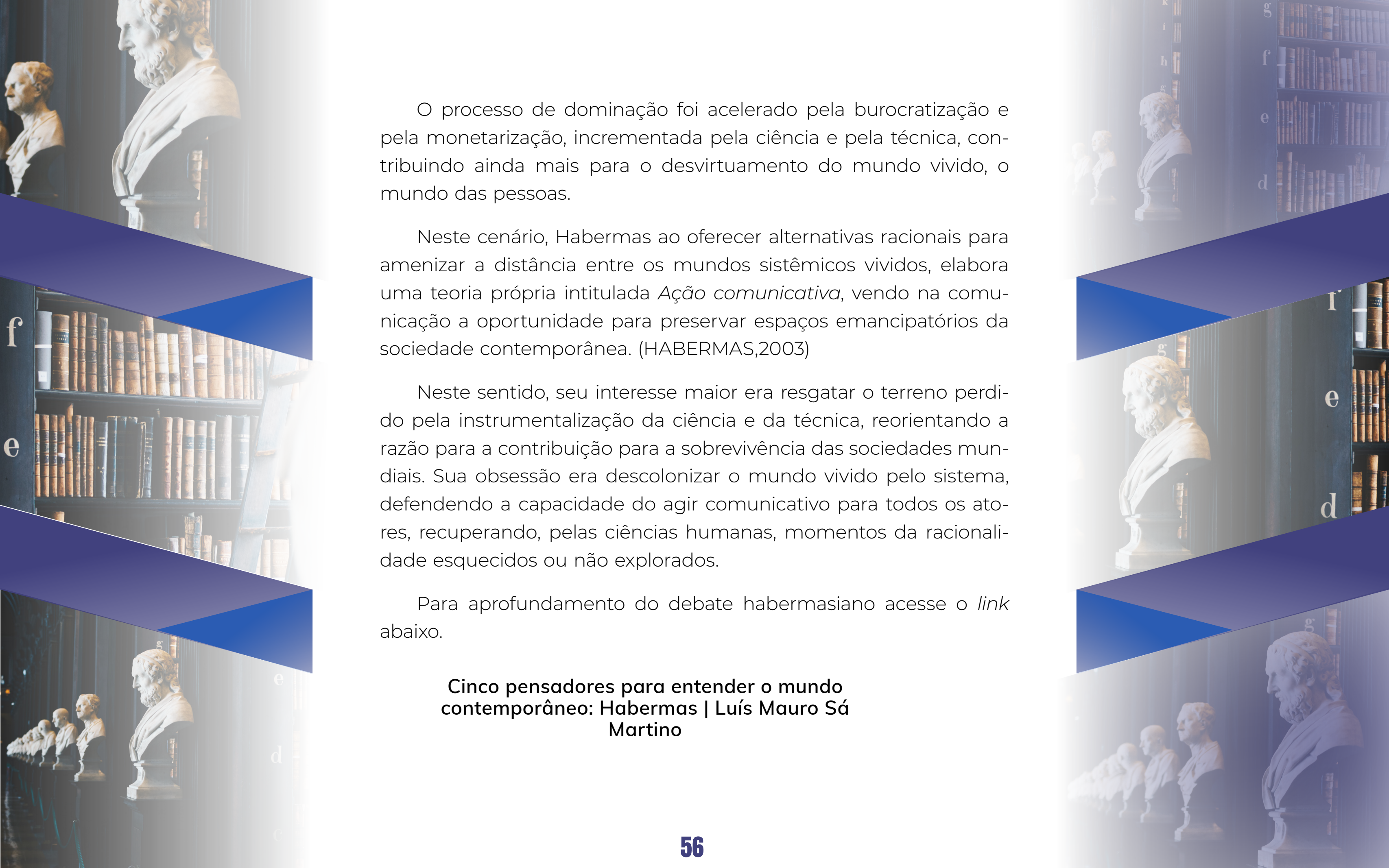


rio explicativo, qualificando a polêmica entre Kant e Constant, também interessante, de Paulo Guedes Fontes. Vale a pena conferir.

No século XX, em se tratando de categorias éticas, o debate passou pela tese da *Banalização do mal* de Hannah Arendt no período entre as duas grandes guerras mundiais, abordando questões que dizem respeito à primazia de regimes totalitários e da sociedade de massas com a superficialidade e superfluidade, associando o mal e suas barbáries a atos impensados e inconscientes, próprios do período histórico da época.

Avançando para a segunda metade do século XX, o objeto de discussão na esfera ética passa é a instrumentalização da ciência e da técnica em nome do capital e de questões mercadológicas, transformadas em ideologias e assumindo formas para legitimar o Estado e a economia no capitalismo tardio e o antagonismo do mundo sistêmico em relação ao mundo vivido, em uma reflexão pontual do pensador alemão Habermas. (HABERMAS, 2003).

Sob a ótica habermasiana, o complexo mundo sistêmico, de forma imperativa, impôs sua lógica às outras esferas da sociedade (mundo vivido), passando gradativamente a anexá-las e colonizá-las em forma de dominação. Por sua vez, esferas sociais, culturais e religiosas, até então preservadas, passaram por um processo de desintegração, possibilitando um grande hiato entre elas.



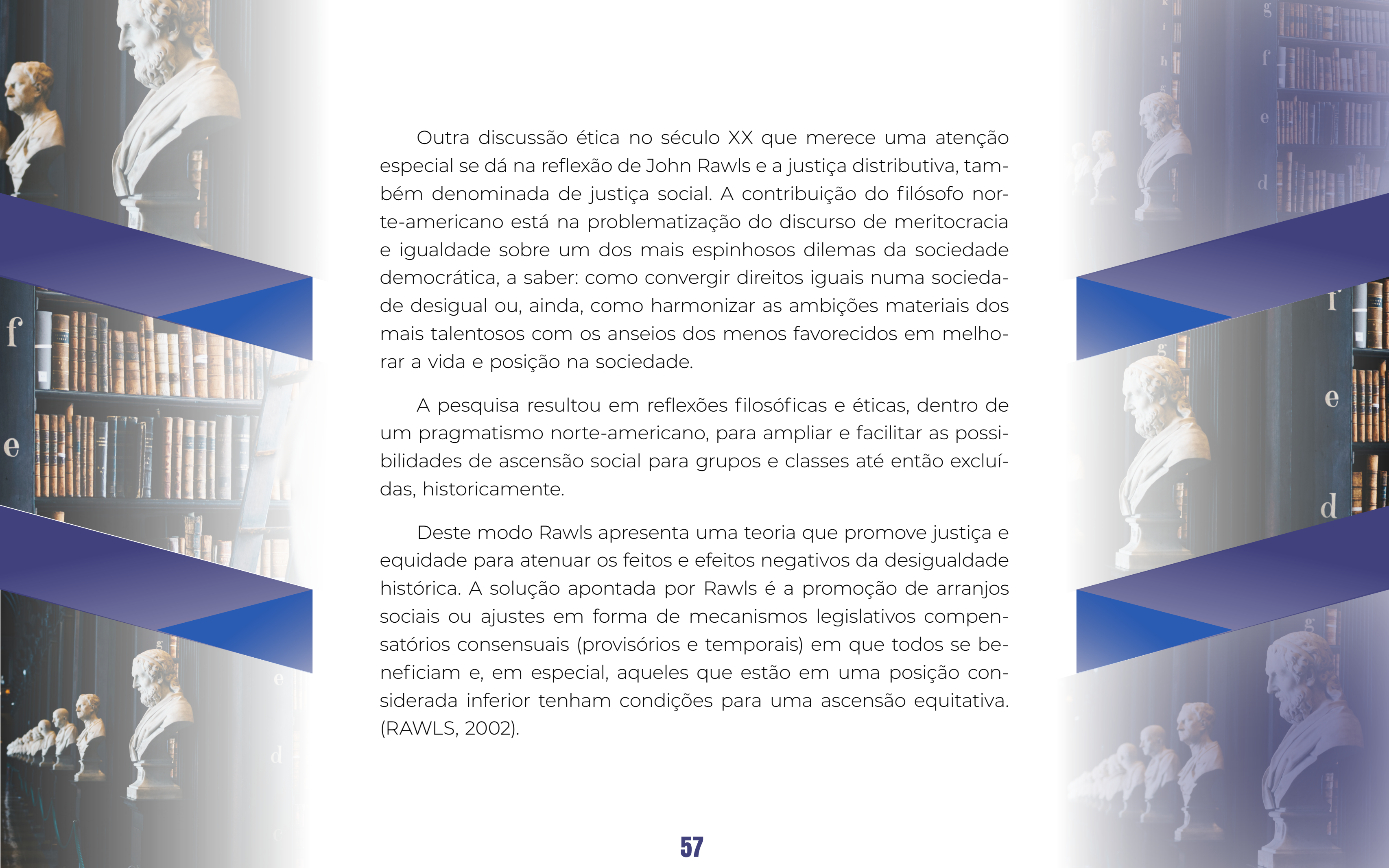
O processo de dominação foi acelerado pela burocratização e pela monetarização, incrementada pela ciência e pela técnica, contribuindo ainda mais para o desvirtuamento do mundo vivido, o mundo das pessoas.

Neste cenário, Habermas ao oferecer alternativas racionais para amenizar a distância entre os mundos sistêmicos vividos, elabora uma teoria própria intitulada *Ação comunicativa*, vendo na comunicação a oportunidade para preservar espaços emancipatórios da sociedade contemporânea. (HABERMAS,2003)

Neste sentido, seu interesse maior era resgatar o terreno perdido pela instrumentalização da ciência e da técnica, reorientando a razão para a contribuição para a sobrevivência das sociedades mundiais. Sua obsessão era descolonizar o mundo vivido pelo sistema, defendendo a capacidade do agir comunicativo para todos os atores, recuperando, pelas ciências humanas, momentos da racionalidade esquecidos ou não explorados.

Para aprofundamento do debate habermasiano acesse o *link* abaixo.


Cinco pensadores para entender o mundo contemporâneo: Habermas | Luís Mauro Sá Martino



Outra discussão ética no século XX que merece uma atenção especial se dá na reflexão de John Rawls e a justiça distributiva, também denominada de justiça social. A contribuição do filósofo norte-americano está na problematização do discurso de meritocracia e igualdade sobre um dos mais espinhosos dilemas da sociedade democrática, a saber: como convergir direitos iguais numa sociedade desigual ou, ainda, como harmonizar as ambições materiais dos mais talentosos com os anseios dos menos favorecidos em melhorar a vida e posição na sociedade.

A pesquisa resultou em reflexões filosóficas e éticas, dentro de um pragmatismo norte-americano, para ampliar e facilitar as possibilidades de ascensão social para grupos e classes até então excluídas, historicamente.

Deste modo Rawls apresenta uma teoria que promove justiça e equidade para atenuar os feitos e efeitos negativos da desigualdade histórica. A solução apontada por Rawls é a promoção de arranjos sociais ou ajustes em forma de mecanismos legislativos compensatórios consensuais (provisórios e temporais) em que todos se beneficiam e, em especial, aqueles que estão em uma posição considerada inferior tenham condições para uma ascensão equitativa. (RAWLS, 2002).



Suas reflexões filosóficas são consideradas ações afirmativas e, posteriormente leis afirmativas, sendo conhecidas pelo senso comum como cotas para ascensão profissional e educacional.

Para aprofundar sobre esta importante reflexão ética assista à contribuição de Michael Sandel sobre o legado do filósofo John Rawls acessando o *link* abaixo.

Rawls princípios de justiça

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **História da filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins, 2001.

ADORNO, T, & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. Homo Sacer, IV, 2. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da Filosofia: do romantismo até nossos dias**. Vol. III. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da Filosofia: do romantismo até nossos dias**. Vol. II. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1991-b.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da Filosofia: do romantismo até nossos dias**. Vol. I. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1991-c.

ARANHA, M. L. A. de; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2009.

ARENDT, H. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**, 4 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, DF: UNB, 1985.

BORNHEIM, G. O sujeito e a norma *in* Novais, A. *et al.* (org.) **ÉTICA**. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p.247-260.

CARVALHO, J. M. de. Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a república no Brasil. *In*: CARVALHO, J. M. de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p.15-18.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Modernidade em Foucault: uma breve exposição. **Revista Princípios**, ano 4, n. 5, p. 137-146, 1997.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

COMTE-SPONTVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CONSTANT, B. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. *In*: GAUCHET, Marcel. **Filosofia Política 2**. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 9-25.

FIGUEIREDO, N. M. de. Sobre um suposto direito de mentir: um paralelo entre Kant, Schopenhauer e Constant, e alguns conceitos schopenhaurianos. **Revista Urutágua**, Revista Acadêmica Interdisciplinar quadrimestral. Maringá, UEM, n. 7, ago./set./out./nov., 2019, p. 34-43.

FREZZATTI JÚNIOR, W. A. 'O problema de Sócrates': um exemplo de fisiopsicologia de Nietzsche. *Revista Filosofia Aurora*, Curitiba, vol. 20, n.27, p. 303-320, jul./dez./2008.

GIANNETTI, E. **Vícios privados, benefícios públicos?** São Paulo, Cia das Letras, 1996.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: 2. ed. Tempo Brasileiro, 2003.

KANT, I. Resposta à Pergunta: 'O que é esclarecimento?' *In*: LEÃO, E. C. (org.) **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.

MANDEVILLE, B. de. **A fábula das abelhas ou vícios privados, benefícios públicos**. São Paulo: Unesp, 2017.

MATOS, O. **A escola de Frankfurt**: luzes e sonhos do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MOSSÉ, C. **O cidadão na Grécia Antiga**. Lisboa: Edições 70, 1999.

NOSELLA, P. A educação do século XXI: integrar trabalho e tempo livre. *In*: NOSELLA, P.(org.) **Qual compromisso político?**: ensaios sobre a educação brasileira pós-ditadura. 2. Bragança Paulista: USF, 2002. p. 149-163.

NOVAES, A. (org.) **Ética**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

PERRONE-MOISÉ, L. **Para que servem as humanidades?** Folha de São de Paulo: Caderno Mais, 30 de junho de 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3006200205.htm#:~:text=As%20humanidades%20servem%20para%20pensar,mundo%2C%20para%20humanizar%20a%20globaliza%C3%A7%C3%A3o.> Acesso em: 20 abr. 2003.

PETERSON, M. A. **Introdução à Filosofia Medieval**. Fortaleza: UFC, 1981.

RAWLS, John. **Uma Teoria da Justiça**. SP: Martins Fontes, 2002.

VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo: Edusp,1973.

VICENTE, J. J. N. B. Hannah Arendt: Platão e a negação da pluralidade. **Kinesis** Revista de estudos de Pós-graduandos em Filosofia. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4461> Acesso em: 20 out. 2020.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof. Me. Ademir Juracy Fanfa Ribas
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof.^a Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Fabiola de Medeiros
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Giammarco Boscaro/Unsplash
Foto

Abr/2021